

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ANTOLOGIA GREGA

A MUSA DOS RAPAZES (LIVRO XII)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
CARLOS A. MARTINS DE JESUS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre o autor da tradução

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, desenvolvendo à data uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para Português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquírides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares

Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva

Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

João Pedro Gomes, Nelson Ferreira

Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte

Universidade de São Paulo

Frederico Lourenço

Universidade de Coimbra

Aurelio Pérez Jiménez

Universidad de Málaga

Joaquim Pinheiro

Universidade da Madeira

Graciela Zeccin

Universidade de La Plata

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen

Universidade de Oviedo

Fernanda Brasete

Universidade de Aveiro

Jorge Deserto

Universidade do Porto

Fernando Brandão dos Santos

UNESP, Campus de Araraquara

Maria José García Soler

Universidade do País Basco

Francesc Casadesús Bordoy

Universitat de les Illes Balears

Susana Marques Pereira

Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ANTOLOGIA GREGA

**A MUSA DOS
RAPAZES**

(LIVRO XII)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS**

ANNABLUME

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

TÍTULO TITLE

Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)

Greek Anthology. The Boyish Muse (Book XII)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Carlos A. Martins de Jesus

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto CONTACT

imprensa@uc.pt

Vendas online ONLINE SALES

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial EDITORIAL COORDINATION

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica GRAPHICS

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia INFOGRAPHICS

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento PRINTED BY

<http://www.simoeselelinhares.net46.net/>

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1333-8

ISBN Digital

978-989-26-1334-5

DOI

10.14195/978-989-26-1334-5

Depósito Legal LEGAL DEPOSIT

Annablume Editora * Comunicação

www.annablume.com.br

Contato CONTACT

@annablume.com.br

FC
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO

POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto

- UID/ELT/00196/2013.

© Abril 2017

Annablume Editora * São Paulo

Imprensa da Universidade de Coimbra

Classica Digitalia Vniversitatis

Conimbrigenis

<http://classica.digitalia.uc.pt>

Centro de Estudos Clássicos e

Humanísticos da Universidade de

Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

ANTOLOGIA GREGA. A MUSA DOS RAPAZES
(LIVRO XII)
GREEK ANTHOLOGY. THE BOYISH MUSE
(BOOK XII)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY
Carlos A. Martins de Jesus

FILIAÇÃO AFFILIATION
Universidade de Coimbra University of Coimbra

RESUMO

O Livro XII da *Antologia Grega*, que neste volume pela primeira vez se traduz completo em língua portuguesa, contempla cerca de 260 epigramas unidos pela temática homoerótica que desenvolvem. À parte um conjunto escasso de componentes dedicados ao amor heterossexual, erroneamente introduzidos pelos copistas na coleção e que aqui são também traduzidos, versam sobre o modelo da relação amorosa entre um homem adulto (o assim designado *erastes*, o “amante” que sexualmente exercia a posição de ativo) e um adolescente (o *eromenos*), que se supunha dever assumir o papel de passivo. A *Musa dos rapazes* tem, como contraponto imediato, o livro V da *Antologia*, coletânea mais extensa de epigramas sobre o amor heterossexual. Uma leitura de ambos permite no entanto, em primeira instância, detetar um grupo de tópicos e imagens que se repetem, prova em si de que ambos celebram uma mesma realidade – as benesses (mais bem escassas) e as agruras do amor.

PALAVRAS-CHAVE

Antologia Grega, Estratão, epigrama, homoerotismo

ABSTRACT

Book XII of the *Greek Anthology*, the one this volume first offers in Portuguese translation, gathers around 260 epigrams united by the homoerotic subject they all develop. Besides a small group of components devoted to heterosexual love, erroneously included in the collection by scribes and here translated as well, they all deal with the model of a love-relationship between an adult (the so-called *erastes*, the top-lover) and a teenager (the *eromenos*, supposed to be the bottom). The *Boyish Muse*'s immediate parallel is Book five of the *Greek Anthology*, devoted to heterosexual love. Nonetheless, a first reading of both of them sheds light on their similarities, enhancing several common topics and images, themselves prove enough of a same reality that is celebrated – both the joys (rather few) and the (many) pains of love.

KEYWORDS

Greek Anthology, Strato, epigram, homoeroticism

AUTOR

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, desenvolvendo à data uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para Português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquííides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

AUTHOR

Carlos A. Martins de Jesus has a PhD in Classical Studies (speciality of Greek Literature) by the University of Coimbra, and is currently working on a postdoctoral research founded by the Fundação para a Ciência e Tecnologia, on the *Greek Anthology* (transmission and translation). He has a large record of published works, both books and papers in periodical publications, mostly devoted to Greek poetry and its translation into Portuguese. He is the author of the Portuguese translation of several Greek authors' works (Archilochus, Bacchylides, Aeschylus, and Plutarch, among others), besides working continuously on classical theatre direction, both in Portugal and Spain.

Volume editado no âmbito do Pós-doutoramento em Estudos Literários financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP e pelo POPH.

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
1. <i>A Antologia Grega</i>	11
2. <i>A Musa dos Rapazes de Estratão</i>	13
BIBLIOGRAFIA	25
<i>A MUSA DOS RAPAZES (ANTOLOGIA GREGA XII)</i>	29
APÊNDICE: POEMAS HOMOERÓTICOS DISPERSOS DA <i>ANTOLOGIA GREGA</i>	109
ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS	120

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

1. A *ANTOLOGIA GREGA*

Parece remontar ao século IV a.C. o hábito de organizar antologias poéticas de um só autor – de que são exemplo as diversas *Simonidea* de que há notícia, com um conjunto de inscrições atribuídas ao poeta de Ceos, não necessariamente da sua lavra, muitas delas sequer suas contemporâneas. A prática ganharia um desenvolvimento mais evidente durante o século III a.C., quando os próprios poetas terão passado a organizar coletâneas das suas composições, que assim conseguiam maior divulgação – Ânite, Asclepiades, Calímaco ou Posidipo são disso exemplos. A verdade é que o epigrama deixara, há um século pelo menos, de ter como funcionalidade exclusiva a sua inscrição na pedra. Chegados ao século III a.C., a sua vertente ficcional, com os mais diversos temas e propósitos, tinha já ascendido à categoria de género literário, cedo se transformando na forma poética de eleição para a maioria dos poetas. Tanto que a reunião antológica de epigramas de diversos autores, como bem explica Alan Cameron (1993: 4), mais do que uma opção, terá sido uma consequência inevitável.

A *Antologia Grega*, vulgarmente conhecida como *Antologia Palatina* devido ao principal manuscrito que no-la transmitiu, consiste nas edições modernas num vasto conjunto de epigramas em diversos metros, ainda que maioritariamente em dísticos elegíacos, organizado em dezasseis livros, e que perfaz a impressionante soma de mais de quatro mil componentes poéticos. Trata-se, inegavelmente, do maior florilégio poético em língua grega

conservado, recolhendo poemas de um vastíssimo lapso temporal, que na realidade cobre todos os períodos tradicionais da cultura Grega (arcaico, clássico, helenístico e bizantino). Transmitida essencialmente por dois códices, o chamado *Palatinus* (*Palatinus Graecus* 23 + *Parisinus Graecus Suppl.* 384 = **P**) de finais do século X e o autógrafo do século XIV de Máximo Planudes (*Marcianus Graecus* 481 = **PI**), depende maioritariamente de uma antologia epigramática que não conservamos, organizada por Constantino Céfalas nos inícios do século X, a qual terá reproduzido, sem muitas alterações (tal qual uma edição revista e aumentada), o anónimo copista de **P**. Céfalas, que provavelmente foi protopapa de Constantinopla, teria recuperado um conjunto de florilégios anteriores do epigrama grego, recorrendo sobretudo aos que organizara Meleagro (inícios do século I d.C.), Filipo (século I) e Agátias (século VI d.C.), aos quais acrescentou epigramas de outras fontes¹, organizados temática e alfabeticamente.

Dizíamos antes que não é por acaso que mais comumente se conhece a *Antologia Grega* como *Antologia Palatina*. Se é certo que, desde o século XVIII, com as edições de Reiske (1754), Brunck (1772-1776) e Jacobs (1794-1814), é **P** a principal fonte de organização e edição da *Antologia Grega*, durante mais de três séculos e desde a sua *editio princeps*, pela mão de Láscaris (1494), foi a recensão de Planudes a única conhecida e divulgada. Apenas em 1606 Saumaise, que teria descoberto uma cópia do *Palatinus* num códice do séc. XI, começa a copiar os epigramas que faltavam à já conhecida *Antologia de Planudes*, não levando no entanto a

¹ Além dos três florilégios principais, que desde logo nos permitem a transmissão de epigramas de um vastíssimo lapso temporal, tem-se como muito provável o uso direto de antologias pessoais de poetas com ampla presença na *Antologia*, como já referíamos, como sejam Estratão (livro XII), Páladas, Rufino ou Leónidas, além de recolhas autorais como os *Simonidea*, os *Anacreontea* ou coletâneas sobre Homero, por exemplo.

bom porto o projeto da sua edição completa. A atual organização em dezasseis livros tematicamente organizados de epigramas depende da edição de Dübner (1846-1877)², que pela primeira vez incluía num 16º livro os componentes apenas colacionados por Planudes, ausentes de toda a tradição manuscrita de **P**.

No que a traduções completas e sistemáticas diz respeito, até à data contamos com as seguintes edições bilíngues: a francesa da coleção Budé (Paris, Les Belles Lettres, 13 vols., 1929-1980), a inglesa de R. Patton (1916-1918, 5 vols., London, William Heinemann Lda.), a alemã de H. Beckby (1957-1965, 4 vols., München) e as duas italianas de F. M. Pontani (1978-1981, 4 vols., Torino, Einaudi) e M. Marzi et alii (2005-2011, 3 vols., Torino, UTET). Na medida em que o trabalho de edição textual da *Antologia* pode considerar-se satisfatoriamente elaborado pelas edições da coleção Budé – a mesma que seguimos como base para a nossa tradução e tem ainda em marcha um processo de atualização de alguns livros pela inclusão sistemática da lição de algumas *syllogae minores* –, é propósito da presente série lograr, a médio-prazo, uma tradução completa em Português da *Antologia*, acompanhada das explicações mínimas necessárias a um leitor não familiarizado com a língua grega, sob a forma de introduções e notas de rodapé.

2. A *MUSA DOS RAPAZES DE ESTRATÃO* (LIVRO XII)

A Musa dos Rapazes, expressão que tomámos emprestada para título deste livro e que corresponde à tradução literal de *Paidikê Mousa*, seria o título de uma recolha de epigramas composta (ou

² À segunda edição da *Anthologia Graeca* de Jacobs (2^a1813-1817) se deve, na realidade, a primeira numeração dos poemas exclusivos da tradição *Planudea*, editados em apêndice à referida edição, pelo que é sua, em rigor, a *editio princeps* desses textos enquanto livro autónomo.

organizada por) um tal de Estratão de Sardes (século II d.C.), a mesma que Céfalas diz ter copiado na sua antologia e que esteve na origem do atual livro XII, o que aqui se traduz e comenta.

Embora Céfalas apenas refira os poemas da autoria de Estratão, o certo é que **P** transmite um total de 258 epigramas dos quais apenas 94 lhe são atribuídos em epígrafe. Assim, tem sido aceite uma de duas hipóteses: a primeira, que esta fusão já estaria, pelo menos parcialmente, elaborada na antologia de Estratão ou na recolha de Céfalas, e que numa mesma fonte manuscrita tenha o copista de **P** recolhido a totalidade dos epigramas que atualmente constituem o livro XII da *Antologia*; e uma outra, segundo a qual Céfalas teria apenas copiado epigramas da autoria de Estratão, os quais foram depois acrescentados de componentes colhidos noutras fontes manuscritas das quais **P** também depende. Embora Estratão seja dos autores mais recentes representados no livro XII – o que, em teoria pelo menos, tornaria viável que tivesse sido ele a organizar uma coletânea com os demais autores –, os críticos têm preferido a segunda das hipóteses, considerando que a organização interna da coletânea, como nos chegou e como aqui a traduzimos, demonstra claramente a utilização de florilégios epigramáticos anteriores, dos quais o copista de **P** acrescentou não apenas epigramas isolados, antes seções completas. Aubreton (1969; 1994: xxxviii), por exemplo, considera que o compilador de **P** terá tido à sua disposição, além da *Musa* de Estratão (que conheceu pela mão de Céfalas, nesse códice para nós perdido), uma recolha de epigramas vários e, claro, a *Grinalda de Meleagro* (séc. I a.C.)³. Não obstante, Estratão é apontado como o autor canónico, o

³ Vd. Aubreton 1969: 38 e Clarke 1976: 374, para as diferentes organizações internas do livro XII. Sobre a questão da constituição manuscrita do livro XII, vd. ainda Aubreton 1994: XIII-XXXIX e González Rincón 1996: 23-31.

poeta modelo do epigrama homoerótico, um gênero que, desde logo pela vitalidade e divulgação extraordinárias que conheceu durante os períodos helenístico e imperial, tem que ser dado a conhecer ao discípulo a quem dirige a introdução, o destinatário – real ou ficcional, não é certo – da antologia epigramática que se elabora e pretende ser o mais representativa e abrangente possível.

Se Céfalas toca já questões moralistas quando introduz os poemas, mais extremada é sem dúvida a posição de Máximo Planudes. Com efeito, na seção VII da sua antologia (*amatoria*), Planudes copia não mais que 16 epigramas dos que aqui se traduzem (núms. 19, 28, 47, 50, 51, 60, 82, 89, 103, 104, 113, 136, 172, 234, 235 e 239), justificando também ele em epígrafe a eliminação dos demais pela sua “desmedida indecência”⁴.

Estratão era natural de Sardes, na Antiguidade a principal cidade da região da Lídia, e é tradicionalmente situado na época do imperador Adriano (século II d.C.), a partir de dados internos dos próprios epigramas e poucas referências externas (e.g. Aubreton 1969, 1994; Cameron 1993). Contra esta datação se insurgiram vozes mais ou menos balizadas, como sejam a de Keydell (1952), que considera o poeta do tempo do imperador Nero (séc. I d.C.), ou a de Clarke (1984), que aponta um conjunto de argumentos linguísticos e métricos que, no seu entendimento, fazem remontar a composição dos epigramas ao período helenístico⁵. Page (1978: 25), por seu turno, entende que Estratão poderia ter vivido em qualquer um dos primeiros

⁴ Em diversos momentos, Planudes tentou mesmo *moralizar* textualmente os epigramas, alterando o gênero gramatical de alguns termos, sem as mais das vezes levar em conta a coerência métrica do verso. Vd., a propósito, González Delgado (2012).

⁵ A discussão sistemática da datação de Estratão pode ler-se em González Rincón 1996: 11-23.

três séculos da era cristã. Na medida em que as datações mais recuadas não conseguiram colher consenso – desde logo, por exemplo, porque uma datação durante o período helenístico tornaria difícil de explicar a não inclusão dos epigramas de Estratão na *Grinalda de Meleagro* (dos inícios do século I a.C.) –, dita a prudência que tomemos a datação tradicional, a mesma que Margerite Yourcenar seguiu ao transformar o poeta em personagem das suas *Memórias de Adriano*. Esta, de resto, é coerente com a proliferação de literatura erótica (com laivos de pornografia) a que se assistiu a partir do século I da nossa era, da qual alguns quadros do *Satyricon* de Petrónio e dos *Amores* de Pseudo-Luciano podem ser dados como exemplo⁶.

Pertencendo ao grupo dos poetas mais recentes incluídos no atual livro XII, Estratão é claramente o mais presente na coletânea, com os 94 epigramas a si atribuídos, imediatamente seguido por Meleagro (o ainda agora referido compilador epigramático), com 59 epigramas. Juntos, são apontados como autores de cerca de 60% dos epigramas reunidos. Na geração dos poetas mais antigos há que referir Asclepiades de Samos (10 ou 12 epigramas), Calímaco (12 epigramas) ou Riano (6 epigramas), representantes maiores da epigramática helenística e todos eles do século III a.C. Ao todo, à parte os 34 epigramas não atribuídos a nenhum autor, surgem representados 29 poetas, cronologicamente distribuídos entre os séculos III a.C. e II d.C.⁷, e geograficamente situáveis entre a Grécia da Ásia

⁶ No sentido inverso, curiosamente, avançava a literatura filosófica. É a este respeito paradigmático o *Diálogo sobre o Amor* de Plutarco, ao que tudo indica escrito nos primeiros anos do século II d.C., no qual se contraria a superioridade do dito “amor socrático” (homoerótico e pederasta) em prol de uma cuidada apologia das vantagens da relação heterossexual.

⁷ Fora deste lapso temporal estão os números 274 (de Crates de Tebas, séc. IV a.C.), e 282 e 286? (atribuídos a Páladas de Alexandria, séc. IV

Menor e a Roma helenizada (cf. o “**Índice de epigramatistas**”). Estamos, portanto, diante de uma antologia representativa do homoerotismo poético helenístico⁸ e de começos do período imperial (séculos III a.C. – II d.C.) que, tematicamente diversa e bastante rica, obedece no entanto a um conjunto de princípios e tópicos literários que vale a pena tentar sistematizar.

O modelo temático que está na base de todos os epigramas – à exceção daqueles que referimos que, de temática heterossexual, foram erroneamente introduzidos na coletânea – é a relação pederasta entre um homem adulto (o assim designado *erastes*, o “amante”, indivíduo que sexualmente exercia a posição de ativo) e um adolescente (o *eromenos*), que se supunha dever assumir o papel de passivo, com uma idade que oscilava entre os 12 e os 18 anos (vd. Golden 1984). Acima desta idade, assumir a posição sexual de passivo já não era hábito bem-visto, caindo no campo do desvio e da perversão (e.g. n.º 228). Só timidamente ecoam vozes que não aceitam naturalmente esta regra (e.g. n.º 238). Com 18 anos, o rapaz entrava, oficialmente, na idade adulta; deixava de ser efebo e preparava-se para uma vida militar. A partir deste limite, não mais se podia falar de pederastia, quanto muito – e já com considerável carga pejorativa – de homossexualidade, de uma relação socialmente condenada entre

d.C.), todos eles componentes que não faziam parte da “Musa dos Rapazes” e que, dispersos em **P**, aqui traduzimos em apêndice.

⁸ O livro XII contém, não obstante, um pequeno grupo de nove epigramas de natureza heterossexual – os quais seria mais natural encontrar no livro V da *Antologia* (o livro dos *amatoria*) –, provavelmente nele incluídos por lapso do copista que, atentando por exemplo no nome do ser amado, em diminutivo, julgou tratar-se de um indivíduo do sexo masculino. São eles os núms. 53, 82, 83, 114, 147 (Meleagro), 131 (Posidipo), 135, 161 (Asclepiades) e 173 (Filodemo). Por seu turno, também os livros V e XI (o último de poesia de banquete e burlesca) contemplam um conjunto de epigramas homoeróticos, os quais aqui traduzimos em apêndice (núms. 259-287).

dois adultos que não exerciam (um deles pelo menos) o papel de domínio que se entendia natural. Na realidade, o que na maior parte dos casos estava em causa era uma relação de poder. Não é por acaso que um e o mesmo termo grego (*país*) designa tanto o adolescente ou rapaz alvo do desejo do *erastes* como o escravo, e sabemos que, em muitos casos, eram de facto de condição servil os moços que os poetas aqui celebram (e.g. núms. 222, 236 e 254). Mas a relação de poder sob o modelo da escravatura é também um recurso poético poderoso, porquanto, em diversas ocasiões, o sujeito poético assume a sua total submissão a um *eromenos*, que nas redes de Eros funciona como o dono do seu corpo e da sua alma (e.g. núms. 246, 287) – um tópico, como sabemos, transversal à poesia amorosa de todos os tempos.

A questão da idade e da passagem do tempo – sobretudo pelas implicações físicas que delas advêm – é de facto nuclear em toda a coletânea. São inúmeros os epigramas que assentam nessa inevitabilidade a sua lógica poética, realçando as valências do corpo masculino jovem e o quanto os anos nele ditam mudanças e perda de encanto – a sua brancura ou pele morena, a cor dos olhos, a homogeneidade da pele sem mazelas de idade ou da guerra, entre outros aspetos. Todos estes tópicos são poeticamente resumidos na imagem vegetal da flor que, com o passar do tempo, vê cair as suas pétalas e com isso perde encanto (e.g. núms. 234, 235). É o viço da juventude (a *acme* para os Gregos), o ponto da vida de um indivíduo em que as suas condições físicas, assim se acreditava, estavam mais próximas da perfeição. Os elementos físicos que constituem o primeiro sintoma de decadência são igualmente identificáveis de forma imediata: os pelos corporais em geral, com destaque para os pelos das pernas e a barba (vd. Taran 1985). São estes a pior ameaça, o pior terror para os amantes adultos, como o calor excessivo do verão que faz murchar a rosa (e.g. n.º 195), inevitavelmente surgindo o

tópico do convite ao *carpe diem*, à fruição da paixão e do amor enquanto o tempo – e à cabeça dele Nêmesis, a divindade vingadora por excelência para estes apaixonados (e.g. núms. 12, 33 e 141) – o permite. Em dois casos apenas – e ambos de Estratão (núms. 10 e 178) – os pelos parecem não ser impedimento ao amor, porquanto o poeta, animado talvez por um gosto pela contradição que lhe foi já reconhecido, deseja continuar a amar o seu *eromenos* mesmo depois da chegada destes sintomas da idade.

São estes dois exemplos claras exceções às regras do amor pederasta, ele que é, por toda a coletânea, um sentimento forte, tempestuoso, incontrollável e, não menos importante, geralmente infeliz. À exceção de dois epigramas de Estratão (núms. 177 e 179) e outro de Meleagro (n.º 133), todos os restantes versam sobre os males de amor, a sedução fracassada ou mal sucedida, a separação dos apaixonados, numa palavra, sobre o verdadeiro tormento que é, para estes sujeitos poéticos, depender de um sentimento limite que não permite qualquer descanso à alma do que está apaixonado. Frequentemente relacionados com os cenários do banquete ou do *kommos* (cortejo dionisíaco posterior ao banquete, uma espécie de *after hours*), os mais adequados para o engate, estes epigramas descrevem o autêntico Inferno *avant la lettre* que era amar, um Inferno com o seu Diabo bem identificado – Eros, o Cupido dos Romanos. Deus único e múltiplo – cf. o “esquadrão de Amores” de que fala Estratão (n.º 254) –, Eros é uma divindade maléfica e sobretudo enganadora. O amor (e com ele o sexo) constitui um estado de doença (*nosos*), uma verdadeira adição química inspirada uma e outra vez pelo mesmo deus, que da inocência de menino apenas mantém a forma indiscriminada e lúdica com que lança as suas flechas envenenadas, condenando ao sofrimento os que por elas são atingidos. É com isto chegamos àquele que constituiu um

dos mais importantes núcleos temáticos da coleção – o recurso à imagética do fogo. As flechas de Eros – elas próprias ou os olhos incendiados de um *eromenos* – provocam a combustão do amante, o seu arder em fogueira que, uma vez extinta, de novo se acende para trazer apenas mais e novo sofrimento (e.g. núms. 45, 166).

A poesia inverte, portanto, a relação de poder originalmente implicada nos relacionamentos pederastas. Seja porque passa a ser o escravo o dono da razão e até do corpo do sujeito poético, seja porque esse mesmo papel é assumido por Eros, sempre incansável na maneira e na frequência com que brinca com os humanos. Porque Eros é, antes de mais, um arqueiro, outra imagem frequente nestes epigramas é a da caça. O sujeito é a presa do *erastes* que busca caçá-lo, do *eromenos* que o caçou ou do próprio deus, seja como for sempre incapaz de libertar-se do cativo, imagem dada sobretudo pela técnica da caça aos pássaros com uma espécie de liga embebida em cola (e.g. núms. 92, 132a, 142). Curioso, a propósito, é o n.º 102 (de Calímaco), no qual se acrescenta uma precisão à imagem: o poeta é um caçador mais pelo prazer de caçar (e de perseguir) do que pela caça, porquanto recusa as presas fáceis, i.e., os rapazes mais disponíveis.

Se Eros é, pela sua própria caracterização iconográfica tradicional, o caçador por excelência, não lhe fica atrás o próprio Zeus. Numa coletânea onde é escasso o uso da mitologia – isso declara desde logo e de forma programática o poema de Estratão que abriria a sua própria antologia (n.º 1) –, além das pouco significativas presenças das Musas e das Graças e de outros exemplos pontuais⁹ – é bastante recorrente o episódio em que

⁹ E.g. n.º 128 (de Meleagro), onde os casos de Dáfnis e Jacinto, paradigmas míticos da beleza dos rapazes, são rebaixados em comparação

Zeus, volvido em águia, raptou da terra o jovem Ganimedes e o levou para o Olimpo, onde assumiria as tarefas de copeiro dos deuses (e.g. núms. 20, 64, 70, 94, *passim*). Por esta sua ação pederasta, Zeus tem a obrigação de compreender os desafogos dos apaixonados que lhe suplicam favor, como noutras ocasiões se receia, perante a beleza considerada inigualável de determinado rapaz, que o deus dispense o Ganimedes que já tem ao seu serviço e busque um outro, assim aumentando o ciúme e o sofrimento do poeta (e.g. núms. 24, 65, 67, 69).

Distantes do tempo da pederastia idealizada dos diálogos platónicos, o que estes poemas nos apresentam é já uma prática vulgarizada e no global humanizada. O amor helenístico e imperial, como o cantaram os poetas desses tempos, é sobretudo e antes de mais um jogo de sedução, consumação e repetição, surgindo da não concretização destes princípios, precisamente, o desamor, o desengano e o sofrimento. A beleza, como a entendiam Platão e os seus seguidores, não mais é condição filosófica de valorização da pederastia, antes condição de possibilidade e complemento do próprio jogo sexual. O cosmopolitismo helenístico trouxe consigo, em termos eróticos, a preferência pela beleza efémera do ser amado, pelo que são comuns os quadros de adultos que contemplam jovens belos pelas ruas ou na palestra, homens que tentam *caçar* (o verbo, como vimos acima, não é inocente) rapazes, mas também rapazes que buscam pagamento por se deixarem caçar. Neste sentido, não faltam na *Musa dos Rapazes* exemplos de um tratamento mais carnal, vulgar mesmo, da relação amorosa de índole pederasta. Podemos ler peças poéticas assentes na descrição das partes íntimas do *eromenos* (e.g. núms. 3, 6, 15, 37), no coito anal (e.g. núms. 4, 22, 33), no sexo oral (e.g. núms. 190, 208 e 243), na masturbação (e.g. núms. 13, 22),

com a beleza de Díon, o *eromenos* em causa.

na impotência (núms. 11, 216, 232 e 240), um caso concreto de travestismo (n.º 161), relações sexuais poliamorosas (núms. 13, 210), ou mesmo um estado de doença (patológica) por suposto excesso de sexo (n.º 243). Espelho de uma sociedade hedonista na sua vivência do erotismo, alguns epigramas constituem bons documentos acerca de uma realidade que seria comum – a prostituição de rapazes¹⁰ (e.g. núms. 6, 8, 42, 43). A título de exemplo, o epigrama n.º 212 (de Estratão) parece apresentar esse hábito, o de cobrar por favores sexuais, como algo desagradável ao próprio mercado pederasta; mas vai mais longe ao sugerir que essa era uma prática frequente nos rapazes menos jovens (acima dos 15, diríamos), que constituiriam um grupo de autênticos *pornstars*, muito requisitados e, como tal, difíceis de contratar. Autores como Giangrande (1974: 2) ou Garrison (1978: 72-75) assinalaram duas tendências emocionais do epigrama erótico helenístico. Por um lado a que vimos comentando, bem representada por autores como Calímaco, Asclepiades e Posidipo, mais assente na promiscuidade e na vivência de um erotismo à esfera pública; por outro, um cultivo mais privado e mesmo monogâmico do amor e do sexo, no qual a alma e o coração falam mais alto do que os músculos e as partes íntimas, o que se encontra na poética de Meleagro (e.g. núms. 52, 106, 158, 167), embora não lhe seja exclusivo (e.g. núms. 226, 262).

Uma obra antológica com o teor da *Musa dos Rapazes* – a de Estratão, claro, mas também a coletânea completa que agora traduzimos – desde cedo se prestou às agruras da censura, a qual ameaçou mesmo a sua transmissão e conhecimento. Vimos

¹⁰ Na *Vida de Alexandre Severo*, Lamprídio (provavelmente no séc. IV d.C., mas referindo-se a um imperador da primeira metade do século anterior) menciona o pormenor curioso de que os prostitutas pagavam mesmo impostos, como os demais profissionais. Sobre o assunto, vd. Dover (1978: 19-42) e Krenkel (1978: 49-55).

como, a começos do século XIV, Planudes apenas copiou 16 epigramas, pelo que, a ter-se perdido o *Palatinus*, jamais conheceríamos estes textos. Em muitos casos, Planudes tentou mesmo moralizar textualmente os poemas, mudando deliberadamente o género gramatical de artigos e algumas palavras-chave, por vezes descuidando a métrica. De resto, parece que o próprio Estratão tentou proteger-se, negando qualquer leitura biográfica dos seus versos no que deve ter sido o último poema da sua obra (núm. 258). Depois, pelo *Palatinus* – onde o livro XII que aqui se traduz ocupa os fólhos 569-607 – descobrimos que, no séc. X, Céfalas sentiu necessidade de justificar a sua cópia devido “à forma dos epigramas, não pelo seu conteúdo”. Não que fosse um *livro maldito*, apenas que havia que justificar a sua existência e cópia de um ponto de vista exclusivamente formal.

Consequentemente, o livro XII da *Antologia* só tardiamente seria traduzido para as línguas vernáculas, mesmo já na contemporaneidade. Foi de facto o último volume a ser publicado na coleção de Les Belles Lettres (1994), 14 anos passados sobre a morte de Robert Aubreton, o estudioso que iniciou o trabalho de edição crítica e tradução mas que não viveu tempo suficiente para o completar (Irigoin 1994: vii-viii). No Reino Unido, o primeiro nome a considerar é o de John Randolph [Shane] Leslie (1885-1971), primo direto de Winston Churchill, quem em 1932 – e depois de incluir alguns destes epigramas na seleção da *Antologia Grega* que publicou em 1929 – fez sair a sua versão completa numa edição de apenas 1.000 exemplares ilustrada por Jean Bosschère (*Strato's Boyish Muse*, Cambridge University Library). Em Espanha, apenas em 1980 se publicaria a primeira versão integral, da responsabilidade de Luis Antonio Villena (n. Madrid, 1951), reconhecido poeta, romancista e ensaísta da “Generación del 70”, para mais um autor pessoalmente comprometido com a literatura homoerótica. No

que à Lusofonia diz respeito, não temos constância de qualquer tradução completa da *Musa dos Rapazes*. Há, no entanto, que reconhecer o mérito – tanto poético como editorial – à seleção da *Antologia Grega* que em 2002 publicou Albano Martins nas Edições Asa, na qual traduz 26 destes epigramas.

É portanto essa a lacuna que o presente volume quer suprir. Para tal, esforçámo-nos por traduzir o mais fielmente possível o total dos componentes do livro XII, acrescidos de um apêndice de epigramas homoeróticos encontrados nos livros V e XI. O resultado é uma primeira edição portuguesa do mais antigo e completo florilégio da poesia homoerótica em língua grega, abarcando como se disse um lapso temporal de praticamente cinco séculos de produção poética, entre o séc. III a.C. e o II d.C.

Granada, dezembro de 2015

BIBLIOGRAFIA

- Aubreton, R. (1969), “Le Livre XII de l’*Anthologie Grecque* : la *Muse d’Estratón*”, *Byzantion* 39 : 35-52.
- Aubreton, R., Irigoin, J. & Buffière, F. (1994), *Anthologie Grecque. Tome XI (Livre XII)*. Paris, Les Belles Lettres.
- Beckby, H. (1957-1965), *Anthologia Graeca*. Band 1, Buch I-VI, 1957; Band 2, Buch VII-VIII, 1957; Band 3, Buch IX-XI, 1958; Band 4, Buch XII-XVI. München.
- Brunck, R. F. Ph. (1772-1776), *Analecta Veterum Poetarum Graecorum*. 3 vols. Strasburgo.
- Buffière, F. (1980), *Eros adolescent. La pédérastie dans la Grèce antique*. Paris, Les Belles Lettres.
- Cameron, A. (1993), *The Greek Anthology. From Meleager to Planudes*. Oxford, Oxford University Press.
- Clarke, W. M. (1976), “The manuscript of Straton’s *Musa Puerilis*”, *Greek, Roman & Byzantine Studies* 17 : 371-384.
- Clarke, W. M. (1984), “Observations on the date of Straton of Sardis”, *Classical Philology* 89: 214-220.
- Clarke, W. M. (1994), “Phallic vocabulary in Straton”, *Mnemosyne* 4: 466-472.
- Davidson, J. (2007), *The Greeks and Greek Love. A radical reappraisal of homosexuality in Ancient Greece*. London, Weidenfeld-Nicolson.
- Dover, K. J. (1978), *Greek Homosexuality*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press.
- Dübner, F. (1846-1877), *Epigrammatum Anthologia Palatina cum Planudeis et appendice nova epigrammatum veterum ex libris et marmoribus ductorum*. Paris.
- Fernández Galiano, M. (1991), *Antología de la poesía erótica de la*

- Grécia Antigua*. Sevilla, El Carro de la Nieve [esp. pp. 215-300].
- Floridi, L. (2007), *Stratone di Sardi. Epigrammi. Testo critico, traduzione e commento*. Alessandria, Edizioni dell'Orso.
- Furiani, P. L. (1987), "Omofilia e androcrazia nella società maschile di Stratone di Sardi", *Euphrosyne* 15: 217-226.
- Garrison, D. H. (1978), *Mild Frenzy. A reading of Hellenistic love epigram*. Stuttgart, Wiesbaden.
- Giangrande, G. (1974), "Los tópicos helenísticos en la elegía latina", *Emerita* 42 : 1-36.
- Golden, M. (1984), "Age differences between *erastai* and *eromenoi*", *Phoenix* 38: 321-324.
- González Delgado, R. (2010), "Eros y tópicos eróticos en *Anthologia Graeca XII*", *Euphrosyne* 38: 219-230.
- González Delgado, R. (2012), "Planudes y el libro XII de la *Antología Palatina*", *Argos* 35.1: 47-67.
- González Rincón, M. (1996), *Estratón de Sardes. Epigramas*. Sevilla, Universidad de Sevilla.
- Hine, D. (2001), *Puerilities. Erotic Epigrams of the Greek Anthology*. Princeton, Princeton University Press.
- Jacobs, Fr. (1794-1814), *Anthologia graeca sive poetarum graecorum lusus ex recensione Brunckii*. 5 vols. (+ 7 comm.), Leipzig.
- Jacobs, F. (1813-1817), *Anthologia graeca ad fidem codicis olim Palatini, nunc Parisini ex apographo gothano edita*. 3 vol. Leipzig.
- Keydell, R. (1952), "Bemerkungen zu griechischen Epigrammen", *Hermes* 80 : 497-500.
- Krenkel, W. A. (1978), "Männliche Prostitution in der Antike", *Altertum* 24: 49-55.

- Láscaris, J. (1494), *Anthologia graeca Planudea*. Florença.
- Lourenço, F. (2008), “Os poemas de Estratão de Sardes”, in *Novos Ensaios Helénicos e Alemães*. Lisboa, Cotovia: 113-131.
- Marzi, M., Conca, F., Zanetto, G. (2005-2011), *Antologia Palatina*. Vol. 1, libri I-VII, 2005; vol. 2, libri VIII-IX, 2009; vol. 3, libri XII-XVI, 2011. Torino.
- Maxwell-Stuart, P. G. (1972), “Strato and the *Musa Puerilis*”, *Hermes* 100: 215-240.
- Page, D. L. (1978), *The Epigrams of Rufinus*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Page, D. L. (1981), *Further Greek Epigrams. Epigrams before A.D. 50 from the Greek Anthology and other sources...* Cambridge, Cambridge University Press.
- Paton, W. R. (1916-1918), *The Greek Anthology* (5 vols.). London, William Heinemann Lda.
- Peyrefitte, R. (1973), *La Muse garçonnière*. Paris, Flammarion.
- Pontani, F. M. (1978-1981), *Antologia Palatina*. Vol. 1, libri I-VI, 1978; vol. 2, libri VII-VIII, 1979; vol. 3, libri IX-XI, 1980; vol. 4, libri XII-XVI, 1981. Torino.
- Reiske, J. J. (1754), *Anthologiae graecae a Constantino Cephal conditae libri tres...* 3 vols. Leipzig.
- Taran, S. L. (1985), “*Eisi triches*: an erotic motif in the *Greek Anthology*”, *Journal of Hellenic Studies* 105: 90-107.
- Villena, L. A. de (1980), *Estratón de Sardes. La Musa de los Muchachos (Antología de poesía pederástica)*. Madrid, Hipérion.

(Página deixada propositadamente em branco)

A MUSA DOS RAPAZES
ANTOLOGIA GREGA XII

(Página deixada propositadamente em branco)

1. [DE ESTRATÃO]

Por Zeus há que começar, como dizia o Arato!¹
e vós, Musas, em paz – hoje podeis descansar!
Se gosto de rapazes e com rapazes me deleito,
que vai isso às Musas do Hélicon importar?²

2. DE ESTRATÃO

Não há nenhum Príamo nos altares³ nos meus versos,
nem as desgraças de Medeia ou as de Níobe,
nem Ítis deitado, nem rouxinóis sobre as flores.
Disso escreveram com muita glória os Antigos;
Há sim, na companhia das frugais Graças⁴, o doce Eros,
e Brómio⁵, claro – eles que não são dados a temas sérios.

3. DO MESMO

Os membros dos rapazes, meu caro Diodoro,
de três formas estão suspensos – escuta os nomes:
ao que ainda está coberto, *pilinha* se chama;

¹ No que era o primeiro epigrama da antologia de Estratão, o poeta parafraseia o primeiro verso dos *Fenómenos* de Arato (séc. III a.C.), um tratado de astronomia muito difundido e imitado.

² Às Musas, que tinham morada no Hélicon e com cuja invocação costumavam ter início as obras poéticas, desde Hesíodo pelo menos, Estratão diz não interessarem os seus versos, pois não caem bem à virgindade dessas figuras.

³ A alusão a Príamo significa a recusa dos temas da épica, como Medeia e Níobe os da tragédia e Ítis os do romance.

⁴ Filhas de Zeus com a ninfa Eurínome, eram três divindades da beleza, como tal frequentes na poesia erótica.

⁵ Epíteto de Dioniso, também designado Baco, o deus do vinho e do delírio dionisíaco.

salsicha, o nome do que já começa a ficar duro;
o que às investidas da mão obedece, *lagarto* é dito,
o melhor. Sabes agora como convém chamá-los.

4. DO MESMO

Gosto de um moço com doze anos, e muito mais
desejo um que não tenha mais que treze;
duas vezes sete – a mais doce flor d'amores,
mais delicioso ainda o que acaba de fazer quinze;
os de dezasseis, só para deuses; um com dezassete,
nem me cabe buscá-lo, a Zeus e apenas a ele.
Quem busque com mais idade, já não tem prazer;
consegue quanto muito um comum “*e ele disse*”⁶.

5. DO MESMO

Gosto dos branquelas, gosto dos que são da cor do mel,
e loiros também, ai, e como desejo os morenos!
não desdenho os de olhos castanhos; mas os de olhos negros,
brilhantes, esses sim eu desejo acima de todos.

6. DO MESMO

Um rabo e o ouro têm afinal o mesmo valor⁷:
entre contas, ao acaso o descobri eu no outro dia.

⁶ A teoria é que, acima dos 17 anos, o amante vai já ter opinião própria e pedir explicações. Como dizíamos na Introdução, a relação pederasta é sobretudo um jogo de poder.

⁷ O sistema numérico dos Gregos era composto por letras; no caso, a soma do valor numérico das letras de *rabo* e *ouro* (em grego *prôktos* e *chrysos*, respetivamente) é o mesmo valor (1570). O dístico contém, portanto, uma crítica aos prostitutos masculinos mais caros.

7. DO MESMO

Não tem esfínter uma moça, nem sinceros beijos,
 nem um agradável cheiro na pele,
 esse falar obsceno, ou a mirada inocente
 – pior ainda ser for fulana avisada!
 Frígidas são todas por trás! E, o mais grave,
 não têm onde descanse a mão vagabunda.

8. DO MESMO

Vi um moço no outro dia entrelaçando uma grinalda,
 ao passear-me pelo mercado das flores;
 não passei sem fazer caso; discreto me aproximei
 e lhe perguntei, “quanto queres pela coroa?”.
 Mais do que as pétalas ele corou, agachou a cabeça
 e respondeu: “A andar, não te veja o meu pai!”
 Comprei sem mais delongas as coroas, voltei para casa
 e coroei os deuses com elas, pedindo-lhes o moço.

9. DO MESMO

És um bonitão, Diodoro, no ponto para ser desejado!
 Fosses tu casado, e tampouco te negaríamos.

10. DO MESMO

Mesmo agora que te cresceu uma barbicha⁸,

⁸ O surgimento da primeira barba marca, em muitos epigramas, o início da decadência física do *eromenos*, que assim inicia a transição para a vida adulta e deixa de ser tão requisitado pelo *erastes*.

e curvos tufos loiros tens já nas fontes,
não recuso quem amo; pois a beleza que ele tem,
com barba ou pelos que seja, é toda minha.

11. DO MESMO

Toda a noite passei com o Filóstrato, e nada fiz;
e ele – como direi? –, todo ele se me oferecia.
Abandonai, amigos, este vosso amigo, de uma torre
podeis arrojá-lo; um Astíanax⁹, é isso que eu sou!

12. DE FLACO

Já de barba, tão belo como cruel para os seus amantes,
Ládon já quer um moço – mas Némesis¹⁰ não tarda!

13. DE ESTRATÃO

Uns médicos imberbes, mal de amores, surpreendi há dias,
autoadministrando um remédio natural¹¹ contra a
[doença.
Ao apanhá-los, “silêncio!”, pediram-me eles;
“eu calo!” – disse –, “se me curarem a mim também”.

⁹ Filho de Heitor e Andrómaca, último descendente vivo de Tróia, foi simbolicamente lançado pelos Gregos da mais alta torre da cidade. O poeta brinca com o nome do herói-menino (*Astyanax*, “o senhor da cidade”), volvendo-o em *a-sty-anax* (“o senhor que não pode empalmar-se”), a partir de *styo* (“levantar”).

¹⁰ Némesis é com frequência a divindade vingadora contra os que não consentem o amor ou o sexo.

¹¹ Esta “cura natural” seria a masturbação.

14. DE DIOSCÓRIDES

Se Demófilo, Cípris, der beijos destes aos seus amantes,
quando por fim estiver na flor da idade,
desses que agora me dá, menino ainda, durante a noite
não estará nunca tranqüila a porta de sua mãe.

15. DE ESTRATÃO

Se uma tábua dos bancos trincou o rabo de Gráfico nos
[balneários,
que será de mim, um homem, se até a madeira está de
[olho?

16. DO MESMO

Não escondas a paixão, Filócrates! O deus em pessoa
espezinha facilmente o nosso coração!
Dá-me pois um beijo apaixonado – um dia, serás tu
quem a outros pedirá semelhante favor.

17. DE ASCLEPÍADES OU POSIDIPO

Não tenho no coração amor por mulheres; labaredas varonis,
inconsumíveis, lançaram-me em fogueira sem fim.
Bem maior é este fogo: como em força o homem excede
a mulher, mais penetrante é a paixão que ele provoca.

18. DE ALFEU DE MITILENE

Miseráveis os que levam a vida sem amor; nada há

fácil de fazer ou dizer se não existe a paixão.
Eu mesmo ando agora muito torpe; mas bastaria com ver
Xenófilo, e mais veloz que um raio levantaria voo.
Não há que evitar o doce Desejo, antes persegui-lo
(a todos o aconselho). Eros é a pedra de amolar da alma.

19. ANÓNIMO

Não suporto, queira ou não, ter-te como amigo; nada pedes,
nada dás a quem te pede, e sequer o que te dou tu aceitas.

20. DE JÚLIO LEÓNIDAS

Zeus de novo se delicia nos banquetes dos Etíopes,
ou, volvido ouro, de novo irrompe nos tálamos de Dânae.
Inacreditável que, ao ver Periandro¹², não rapte da terra
esse bonitão. Será que o deus já não gosta de rapazes?

21. DE ESTRATÃO

Até quando teremos que roubar os nossos beijos
e furtivos sinais lançar de uns olhos sempre esquivos?
Até quando falaremos sem chegar a fim algum, às contendas
antigas acrescentando novas contendas vãs?
A demora consumir-nos-á a beleza. Vamos, Fídon,
antes que cheguem os invejosos! Cumpram-se as promessas!

¹² O poeta estranha que Zeus repita uma série de aventuras amorosas com mulheres – pelo exemplo de Dânae, por quem se metamorfoseou em chuva dourada para a poder possuir – e resista a raptar Periandro, como fez, em tempos, com Ganimedes, o jovem troiano que levou consigo para o Olimpo para ser seu copeiro (o que mistura e serve a ambrosia) nos banquetes dos deuses.

22. DE ESCITINO

Atingiu-me a desgraça, grande guerra, grande fogo,
 pois Ilisso, na melhor idade para o amor,
 tem os anos convenientes (dezasseis), e mais ainda,
 os encantos todos, os grandes e os pequenos:
 para recitar, uma voz doce como o mel; para beijar,
 esses lábios, e para receber por trás a perfeição maior.
 Quanto sofrerei? Diz-me que apenas o olhe – velarei noites
 [a fio,
 combatendo com a mão¹³ uma Cípris imaginária.

23. DE MELEAGRO

Deixei-me apanhar, eu que antes sempre me burlava
 dos cortejos de loucas paixões dos rapazes!
 Agora, Miíscos, o alado Eros diante da tua porta
 me deixou com esta nota: “os despojos da Prudência”.

24. DE LÁUREAS

Volte o meu amado Polémon, tão apetecível e são
 como estava ao partir, senhor [de Delos],
 e não negarei aos teus altares o sacrifício de uma ave
 matinal, em cumprimento dos meus votos.
 Mas se volta com algo a mais ou a menos do que tinha
 ao partir, ficarei liberto da minha promessa.
 Volta com barba? Se este desejo para si mesmo ele pediu,
 faça o próprio suplicante o devido sacrifício.

¹³ Perante as negativas do jovem amado, o poeta recorre à masturbação.

25. DE ESTATÍLIO FLACO

Que Polémon voltasse são e alvo te supliquei, Apolo,
 ao despedi-lo, oferecendo-te uma ave em oblação.
Mas Polémon voltou de rosto peludo. Não graças a ti, Febo,
 a meus braços regressou, e com cruel rapidez logo se foi.
Não te vou então sacrificar o galo: e tu, não me enganes
 com uma barba inútil em vez de espigas.

26. DO MESMO

Volte o meu Polémon são e salvo; assim, ao despedi-lo,
 [prometia oferecer-te um galo em sacrifício].
Salvose Polémon por si, mas já não é uma devolução,
 Febo, pois com barba não mais está a salvo para mim.
Suplicara ele em tempos que lhe crescesse a barba – ele
 que te sacrifique agora, por suplicar contra mim.

27. DO MESMO

Com as faces como as tuas deixei partir Polémon,
 prometendo, se regressasse, sacrificar-te uma ave.
E agora o recebo, Péan¹⁴, eriçado com hedionda barba,
 e não é este – ai de mim! –, aquele por quem supliquei.
Não me parece bem depenar uma ave inocente,
 se não depenamos, juntos, também a Polémon.

¹⁴ O *péan* era o género poético dedicado a Apolo Déléfco, muitas vezes usado em substituição do nome do próprio deus. O poeta compara o amado a Apolo, sempre representado como um deus jovem e imberbe.

28. DE NUMÊNIO DE TARSO

Ciro é o meu *senhor*. Que importa uma letra a mais¹⁵?
 Não estou para ler o bonito, mas para contemplá-lo.

29. DE ALCEU

Protarco é belo, mas ainda não me quer; há de querer,
 não tarda – a juventude é uma tocha que arde veloz.

30. DO MESMO

As tuas pernas, Nicandro, vão ficando peludas; cuida só
 que o mesmo não te aconteça com as nádegas,
 ou saberás quão grande é a falta de amantes. Por agora,
 preocupa-te com a juventude que nunca volta.

31. DE FÂNIAS

Por Témis e por esta taça de vinho que me embriaga,
 Pânfilo, juro que escasseia já o tempo para amar-te!
 Já tens pelos nas coxas, e barbicha nas faces,
 e em breve o Desejo te levará para outro delírio.
 Mas, posto que da fogueira conservas ainda vestígios,
 não tenhas vergonha – a Ocasão é amiga do Amor¹⁶.

¹⁵ Em grego, *Ciro* (*Kyros*) apenas difere de *senhor* (*kyrios*) numa letra.

¹⁶ O Desejo (*Eros*) e a Ocasão (*Kairos*) são os dois conceitos divinizados que, em contexto simposíaco, dão o tema do *carpe diem*, central no poema.

32. DE TÍMOCLES

Recorda, recorda bem a máxima sagrada que um dia te disse:

“A juventude é o mais belo, a juventude é o mais fugaz;
à juventude, nem a mais veloz das aves pode alcançá-la.”

Agora vê, sobre a terra, desfolhadas todas as tuas flores.

33. DE MELEAGRO

Era belo Heraclito, como era antes. Agora, passado o viço,
a sua pele declarou guerra aos que tentam montá-lo.

Não vás tu, Polixénides¹⁷, por isso ficar convencido;
também por entre os teus glúteos se insurge Némesis.

34. DE AUTOMEDONTE

Jantei ontem em casa de Demétrio, o professor de ginástica,
de quantos homens há de longe o mais afortunado.

Um moço se deitava no seu regaço, outro sobre os ombros,
outro lhe dava de comer, e um último lhe levava a
[bebida à boca.

Era admirável o quarteto! Disse-lhe eu em tom jocoso:

“Também de noite, meu querido, ensinas ginástica?”

35. DE DÍOCLES

Alguém, sem resposta a um cumprimento, disse: “o orgulhoso
Dámon, agora tão belo, já nem cumprimenta ninguém?”

¹⁷ Polixénides vangloria-se de ser mais jovem do que um *eromenos* rival, mas o poeta adverte-o da inevitabilidade da passagem do tempo, ameaçando-o com a ação vingadora de Némesis.

Mas chegará o tempo da vingança: quando, coberto de
 [pelos,
 primeiro cumprimente quem não mais lhe responda.

36. DE ASCLEPIADES DE ADRAMITO

Agora pedes, quando uma suave penugem pelas fontes
 se insinua e nos músculos te cresce um áspero pelo.
 Logo dizes: “Gosto disto!” – Pode acaso alguém dizer
 que prefere as canas ressecadas às próprias espigas¹⁸?

37. DE DIOSCÓRIDES

O rabo de Sosarco de Anfípolis, moldou-o suave
 o Eros brincalhão, funesto para os mortais,
 para excitar Zeus, pois mais que os de Ganimedes
 são os músculos deste rapaz de extrema doçura.

38. DE RIANO

As Horas¹⁹ e as Graças te ungeram com suave azeite,
 cuzinho, tanto que não consentes aos velhos o sono.
 Diz-me, afortunado, a quem pertences e que rapaz adornas?
 Respondeu-me o cuzinho: “a Menécrates.”

¹⁸ A imagem da espiga de milho é mais vezes usada na coletânea (e.g. n.º 25) para expressar a preferência pela tez tenra de um jovem ainda imberbe, o *eromenos* ideal.

¹⁹ Como as Graças, as Horas, divindades das estações e do tempo, são também associadas à beleza do ser amado, realçando ora o seu viço, ora a sua fugacidade.

39. ANÓNIMO

Nicandro murchou, fugiu-lhe o viço da beleza,
e dos seus encantos não sobra já nem o nome,
ele que contávamos entre os imortais. Não Almejeis pois,
moços, além da condição mortal – os pelos estão aí!

40. ANÓNIMO

Não me tires, senhor, o manto! Contempla-me antes
assim, qual estátua bem acabada em mármore.
Se buscas o encanto nu de Antífilo, encontrarás
uma rosa em botão que cresce entre espinhos.

41. DE MELEAGRO

Não mais escreverei sobre o belo Téron, ou Apolodoro,
antes fogo incandescente, agora cinza apagada.
Prefiro o amor de mulheres²⁰; refregar-se com garanhões
hirsutos é para pastores que montam as suas cabras.

42. DE DIOSCÓRIDES

Vai ver Hermógenes com as mãos cheias²¹, e logo conseguirás,
corvo de rapazes, o que sonha obter o teu desejo,
aliviando assim a sua imensa altivez. Se ao invés pescares
lançando ao mar uma cana despojada de anzol,

²⁰ O desagrado com o pelo corporal dos outrora jovens amantes leva o poeta a anunciar uma mudança no alvo do seu desejo, passando a preferir (supostamente também em termos de composição poética) o amor com mulheres.

²¹ Alusão à prostituição masculina, tema frequente na coletânea.

do porto sacarás só muita água. Pudor e piedade, esses
não partilham a mesa de um pirralho consumista.

43. DE CALÍMACO

Odeio o poema cíclico²², nem me apraz o caminho
que de uma parte à outra leva a multidão.
Detesto o rapaz oferecido, como não bebo de fonte
pública. Repugna-me tudo o que é popular.
Lisânias, és bonito mas bonito! Mas antes de terminar
de dizê-lo, um eco me diz: “Já outro o possui!”

44. DE GLAUCO

Tempos houve em que os moços se contentavam com presentes,
dados que eram a codornizes, bolas de trapos ou ossinhos²³.
Agora só comida e dinheiro. Esses jogos, de nada servem já.
Buscai por isso algo diferente, todos quantos amam rapazes!

45. DE POSIDIPO

Isso, isso, disparai Amores²⁴! Entre muitos outros o alvo
único sou eu. E sem pena, insensatos! Se acertais,
afamados sereis entre os archeiros imortais,
vós, os senhores da mais excelente aljava.

²² Todo o poema mais longo, de que a epopeia deve ser o exemplo visado.

²³ O jogo dos ossinhos seria um jogo coletivo de tabuleiro, algo próximo às damas.

²⁴ *Erotes*, personificação correspondente aos Cupidos (no plural) da arte e da poesia romanas.

46. DE ASCLEPÍADES

Nem vinte e dois anos tenho ainda e já me pesa a vida.
Amores, que tortura é esta? Porque me abrasais?
Se algo me acontecesse, que faríeis? Claro está, Amores:
como sempre, insensatos, jogaríeis aos ossinhos.

47. DE MELEAGRO

Quando, pela manhã, no regaço da mãe brincava aos ossinhos,
o pequeno Eros jogava também os dados da minha vida.

48. DO MESMO

Estou acabado! Espezinha-me o pescoço, divindade cruel!
Conheço bem, pelos deuses, a violência do teu jugo!
E conheço as tuas flechas de fogo. Mas mesmo que dispares
[tochas
contra o meu peito, não hás de abrasá-lo: todo ele é já cinza.

49. DO MESMO

Bebe vinho puro, amante infeliz, e esse fogo por rapazes
há de acalmá-lo Brómio²⁵, garante de esquecimento.
Bebe vinho puro, que ao esvaziar-se a taça cheia de vinho
afastarás do coração o sofrimento cruel que levaste dentro.

50. DE ASCLEPÍADES

Bebe, Asclepiades! Que lágrimas são essas? Porquê sofrer?

²⁵ Epíteto de Dioniso, ou Baco.

Não foste o único que a caprichosa Cípris derrotou,
 nem o único contra quem armou as suas setas e flechas
 o terrível Eros. Porquê, vivo ainda, em cinza volver-se?
 Bebamos o vinho puro de Baco, que já desponta a Aurora!
 Acaso vamos esperar pela lamparina que vela pelo sono?
 Bebamos, e sem descanso! Não é muito o tempo que falta,
 miserável, para que a grande noite nos faça descansar.

51. DE CALÍMACO

Enche a taça e grita de novo: “Por Díocles!” E que Aqueloo²⁶
 esteja fora das libações que em seu nome consagramos!
 É belo este rapaz, Aqueloo, belo como tudo! E se alguém
 diz o contrário, reconhecerei sozinho a sua beleza.

52. DE MELEAGRO

O sopro do Noto²⁷ que favorece os marinheiros, míseros
 [amantes,
 arrebatou-me Andrágaton, metade da alma minha.
 Três vezes ditosos os navios, três vezes felizes as ondas do
 [mar,
 quatro vezes afortunado o vento que levou esse rapaz!
 Fosse eu um golfinho²⁸, e montado em meus ombros
 o levaria a ver Rodes, terra de amáveis rapazes.

²⁶ O rio Aqueloo, na Etólia, está no poema a significar a água, elemento repudiado neste tradicional brinde pelo amante.

²⁷ O vento do sul, que costumava trazer as tempestades de final de verão e outono.

²⁸ Tanto Eros como Aríon (poeta mítico) surgem por vezes representados cavalgando um golfinho.

53. DO MESMO

Bem apetrechados navios do mar alto, que sulcais o estreito
de Hele e em vosso regaço acolheis o belo Bóreas²⁹,
acaso avisteis um dia nas margens da ilha de Cós
a Fânio³⁰, contemplando o brilhante pélagos,
dai-lhe esta mensagem, belos navios: “a paixão por ti
me arrasta a ir ao teu encontro, não de barco mas a pé!”
Se isto lhe disserdes, belos mensageiros, logo Zeus
soprará favorável sobre as vossas velas.

54. DO MESMO

Cípris renega ter gerado Eros, ao ver que existe
outro Amor³¹ entre os rapazes, Antíoco.
Vamos, jovens, a adorar este jovem Desejo! O rapaz
é enfim um Eros superior ao próprio Eros.

55. [ANÓNIMO, OU] DE ARTÉMOM

Filho de Leto³², és tu o senhor do estreito de Delos que o
[mar banha,
o filho de Zeus supremo que a todos revela os seus oráculos!
A Equedemo da Cecrópia, porém, o segundo Febo da Ática,
qual bela flor o fez brilhar Eros de sublime cabeleira.

²⁹ O vento do norte, que trazia consigo o inverno. Surge em diversos momentos como símbolo da tormenta amorosa (cf. n.º 263).

³⁰ Na realidade, é nome feminino, mas o antologista tê-lo-á interpretado como masculino.

³¹ Eros, Desejo ou Amor, três designações da mesma divindade alada, filha de Afrodite (aqui Cípris).

³² Apolo, senhor de Delos e do famoso oráculo Delfico.

A sua pátria Atenas, outrora soberana do mar e da terra,
com a sua beleza submete agora a Hélade inteira.

56. DE MELEAGRO

Com mármore de Paros uma estátua de Eros,
o filho de Cípris, fez Praxíteles, o escultor.
E agora Eros, o mais belo dos deuses, imitando-o,
fez também uma estátua cheia de vida, um Praxíteles.
Entre os mortais um e no céu o outro julgam tais encantos,
e na terra como entre os beatos governam os Desejos³³.
Bendita sejas, cidade sagrada dos Méropidas³⁴, que um
[divino moço
criaste, qual novo Eros, como príncipe dos rapazes!

57. DO MESMO³⁵

Praxíteles, o antigo escultor, uma esplêndida estátua
sem vida esculpiu, imagem muda da beleza,
talhando o mármore. E o de agora, mago criador de vida,
um Eros três vezes perverso moldou em meu coração.
Com aquele só o nome partilha, e superiores são as suas obras,
pois não a pedra, senão o alento das almas, é a sua
[matéria-prima.

³³ Praxíteles, o escultor, e Praxíteles, o jovem amado. O primeiro esculpiu uma estátua de Eros, e a existência real do segundo é entendida como obra do escultor Divino que é Eros.

³⁴ Os naturais da ilha de Cós.

³⁵ Este epigrama é uma clara variação sobre o anterior, o que constituiu uma prática da poesia helenística e, em especial, de Meleagro de Gádara (séc. I a.C.).

Propício, possa ele moldar o meu caráter, até que, esculpindo
a minha alma, dentro de mim edifique um templo a Eros.

58. DE RIANO

Trezena³⁶ é boa criadora de moços – não te equivocarias
nem que elogiasses o mais feio dos seus rapazes!
Mas Empédocles resplandece como nenhum outro,
como entre as flores primaveris resplandece a rosa.

59. DE MELEAGRO

Por Eros, que moços resplandecentes cria Tiro³⁷!
Míisco então, como o sol radiante eclipsa as estrelas.

60. DO MESMO

Ponho os olhos em Téron, e vejo tudo. Mas se vejo tudo,
e a ele não o vejo, então já não vejo nada.

61. ANÓNIMO

Cautela, Aríbazos! Não abrases de uma só vez a Cnido
por inteiro – a pedra derretida não tarda a desaparecer.

³⁶ Cidade da Argólida, que aqui recebe o epíteto que, graças a Ulisses, recebe Ítaca na *Odisseia* (9.27).

³⁷ A sul do atual Líbano.

62. ANÓNIMO

Mães dos Persas, como são belos os filhos que gerais!

Aríbazos, a meu ver é mais belo que a beleza.

63. DE MELEAGRO

Em silêncio, com os olhos disse Heraclito estas palavras:

“Até o fogo do raio de Zeus hei de abrasar!”

Assim é, e Diodoro no seu íntimo isto proclama:

“Até uma pedra derreto, se com o corpo a acalento!”

Infeliz quem de um destes moços tenha recebido a chama

do olhar, e do outro o doce fogo que nutre os desejos.

64. DE ALCEU

Zeus, guardião de Pisa, a Pitenor, um segundo filho

de Cípris, coroa-o junto ao escarpado Crónio³⁸.

Não mo arrebrates, volvido em águia, para ser teu copeiro,

ó soberano, em substituição do belo Dardânida³⁹.

Se de facto um amável presente das Musas te entreguei,

concede-me agora a união com esse rapaz divino.

65. DE MELEAGRO

Se Zeus é ainda o mesmo que raptou Ganimedes,

na flor da idade, para servir-lhe o néctar,

convém ocultar agora o belo Miíscos debaixo da terra,

³⁸ O epigrama pede a vitória de Pitenor nos Jogos Olímpicos. Pisa fica nas imediações de Olímpia.

³⁹ Ou *Troiano*. Refere-se a Ganimedes.

não vá ele, em silêncio, abrir as asas sobre o rapaz.

66. ANÓNIMO

Tirai à sorte, Amores, a quem pertence o rapaz; se aos
imortais
ele calhar, seja – não vou lutar contra Zeus.
Mas se acaso toca algo aos mortais, dizei-me, Amores,
de quem era Doroteu e a quem há que dá-lo agora.
Falamos abertamente em meu favor. Mas ele escapa-me;
oxalá não te arraste também, insensato, pela sua beleza.

67. ANÓNIMO

Não vejo o belo Dioniso. Acaso o raptaste, Zeus pai,
como um copeiro mais entre os imortais?
Águia! Esse bonitão, batendo as asas frondosas, como foste
tu levá-lo? Acaso lhe deixaste marca das tuas garras?

68. DE MELEAGRO

Não quero Caridamo! Esse bonitão olha para Zeus
como se houvesse já filtrado o néctar do deus.
Não o quero! Porquê escolher o soberano dos céus
como rival de uma contenda amorosa?
Contento-me, mas apenas se o rapaz, subido aos céus,
as minhas lágrimas levar da terra para lavar os pés,
recordação do meu afeto; se de seus olhos um sinal doce e
[húmido
me fizer, e um beijo lhe puder roubar só de tocar-lhe.

Tudo o resto para Zeus – é de justiça! Mas se ele consentisse, quem sabe não poderia provar da sua ambrosia.

69. ANÓNIMO

Zeus, goza o teu primeiro Ganimedes! E ao meu Dexandro, senhor, contempla-o de longe! Não tenho ciúmes. Se pela força tens que raptar um bonitão, não mais se sustenta o teu governo! Que eu morra, se a ti tiver que submeter-me.

70. DE MELEAGRO

A Zeus em pessoa me enfrentaria, Miíscos, quisesse ele raptar-te para ser o moço que lhe serve o néctar. Na verdade, muitas vezes ele me disse: “Que receias, não te farei ciúmes; já os sofri, compadeço-me.” Estas as suas palavras. Eu, uma só mosca⁴⁰ que o sobrevoe, receio que Zeus tenha vindo até mim disfarçado.

71. DE CALÍMACO

Cleónico da Tessália, infeliz, desgraçado! Pelo sol brilhante, já não te reconheço! Onde estiveste tu, miserável? És só ossos e cabelo! Possuiu-te acaso uma divindade, como a mim, e encontraste difícil destino? Bem sei! Euxíteo⁴¹ prendeu-te, e tu, desde que voltaste,

⁴⁰ Em grego, verifica-se o jogo linguístico entre o termo que significa mosca (*myia*) e o nome do amado (*Myiskos*). A ironia do poema é que qualquer animal alado, inclusivamente uma mosca, faz o poeta recear que se trate de Zeus para roubar o seu rapaz.

⁴¹ Um rival amoroso.

só esse bonitão (carrasco!) vê com ambos os olhos.

72. DE MELEAGRO

Cá está a doce aurora! À porta, sem conseguir dormir,
Dâmis expira o alento que lhe resta, desgraçado,
após ver Heraclito. O brilho dos seus olhos
o venceu, qual cera que às brasas se lança.
Vamos, desperta infeliz Dâmis! Eu mesmo estou ferido
por Eros, e sobre as tuas lágrimas lágrimas derramo.

73. DE CALÍMACO

Metade da minha alma respira ainda; a outra metade, não sei
se foi Eros ou Hades⁴² quem ma arrebatou – mas falta-me.
Ou com algum moço outra vez se foi? E eu que lhe dizia,
sempre: “Não abrais a porta à fugitiva, rapazes!”
[Mas não me escutou]⁴³, e em algum sítio andarás ela agora,
sob uma chuva de pedras, de novo perdida de amor.

74. DE MELEAGRO

Se algum mal sofre, Cleobulo, é que muitas vezes pelo fogo
dos rapazes jazo atingido, rescaldo em meio da cinza;
peço-te pois que na minha urna, ébria de vinho puro, antes
[de a enterrar

⁴² O deus dos Infernos e do mundo subterrâneo em geral.

⁴³ Este início do terceiro dístico está muito corrupto nos manuscritos. Pensou-se ler aqui o nome de um *eromenos*, mas é a que seguimos a leitura mais consensual à data.

debaixo de terra escrevas: “Presente de Eros para Hades.⁴⁴”

75. DE ASCLEPÍADES

De asas alguém te apetrechasse, na mão arco e flechas te
[pusesse,
e não mais se pintaria Eros, o filho de Cípris, senão a ti, rapaz!

76. DE MELEAGRO

Não tivesse Eros nem arco nem asas, nem aljava
nem flechas fogueadas que ferem de desejos,
e ninguém, por esse menino o juro, pela beleza de ambos
reconheceria quem é Zoilo e quem é Eros.

77. DE ASCLEPÍADES OU POSIDIPO

Levasses tu às costas asas douradas, e aos ombros
cor de prata pendurasses uma aljava com flechas,
perfilado junto a Eros que ama o belo, e juro por Hermes
que nem a própria Cípris distinguiria aquele que pariu.

78. DE MELEAGRO

Tivesse Eros armadura e não asas, e nas costas
não levasse arco nem aljava, antes um chapéu,
por esse moço gracioso juro que Antíoco
seria Eros, e Eros Antíoco em seu lugar.

⁴⁴ Ou seja, é um joguete de Eros o que à terra (à morte) se entrega.

79. ANÓNIMO

Beijou-me Antípatro, quando já começava a esmorecer a paixão,
e da cinza fria uma vez mais se acendeu a chama.
Duas vezes, sem querer, provei desse fogo. Infelizes amantes,
fugi, não vá eu abrasar com o toque os que estão perto.

80. DE MELEAGRO

Alma de infeliz pranto, por que razão a já cicatrizada chaga
de Eros em tuas entranhas de novo se acende?
Não, não, por Zeus – insensata! –, por Zeus não alimentes
o fogo que debaixo da cinza ainda brilha!
Em breve, esquecidos os males, se ao fugir de Eros ele te prende,
castigar-te-á como se encontrara um fugitivo.

81. DO MESMO

Amantes que enganais a alma, vós que a chama pelos rapazes
conheceis, pois que o seu mel amargo haveis provado,
água fria – peço-vos! –, bem fria, de neve há pouco derretida,
derramai o quanto antes sobre o meu coração!
Sim, atrevi-me a olhar Dioniso⁴⁵. Agora, companheiros na dor,
antes que me toque as entranhas, apagai-me este fogo!

82. DO MESMO

Apressava-me a fugir de Eros. Mas ele, remexendo uma brasa
ligeira entre as cinzas, encontrou o meu esconderijo.

⁴⁵ Um *eromenos* com o nome do deus.

Arqueando não o arco, mas um par de dedos da sua mão,
 esmiuçou uma réstia de fogo e sem aviso mo arremessou.
 Percorreram-me as chamas o corpo todo. Ó chama terrível
 que me acendes, Fânio⁴⁶, o coração em fogo imenso!

83. DO MESMO

Não me feriu Eros com as suas flechas, nem acendendo a tocha,
 como outrora, a enterrou a arder em meu coração.
 Antes, levando junto com os Desejos a pequena tocha de Cípris
 de olorosa chama, grande fogo lançou contra meus olhos.
 Derreteu-me essa chama. E Fânio⁴⁷, a minha pequenina,
 revelou-se o fogo da alma que me consome o coração.

84. DO MESMO

Amigos, socorro! Regressado da primeira viagem pelo mar,
 acabo de imprimir a marca dos pés sobre a terra
 e já me fere o terrível Eros. Como quem avista um farol,
 a beleza apaixonante de um rapaz ele me fez ver.
 Sigo-o pegada a pegada, arrebatou-lhe a imagem doce
 modelada no ar e com doçura lhe beijo os lábios.
 Tendo escapado ao mar amargo, muito mais amargo será,
 em terra firme, atravessar as ondas de Cípris?

⁴⁶ Poema heterossexual (vd. n.º 53).

⁴⁷ *Phanion* surge aqui como nome próprio e, no início do segundo dístico, como substantivo comum (*tocha*). O destinatário, feminino, é o mesmo do epigrama anterior.

85. DO MESMO

Vós que tomais vinho, recebei o que agora chega do mar
e, liberto de vagas e piratas, sofre já em terra firme.
Acabado de descer do navio, um único pé pus sobre a terra
e, caçando-me de imediato, já me fere o terrível Eros,
aqui, no lugar onde deitei os olhos a um rapaz que passava.
Sem mais me arrastam os meus pés, por vontade própria.
E festejo, não com vinho no espírito, antes consumido pelo fogo.
Vamos, companheiros! Ajudai este vosso amigo como seja!
Ajudai-me, companheiros, e por Eros, o Hospitaleiro,
acolhei este moribundo que suplica a vossa amizade!

86. DO MESMO

Cípris, mulher, lança as chamas do amor feminino,
mas o desejo masculino é Eros quem o tutela.
Para onde me viro? Para o filho ou para a mãe? Estou em crer
que mesmo Cípris diria: “Vença o menino corajoso!”

87. ANÓNIMO

Implacável Eros, não conheço o desejo feminino:
sempre me lanças o raio da paixão por um rapaz.
Umaz vezes queimando por Démon, outras ao ver
Ismeno, longos sofrimentos sempre padeço.
E não só nestes estou de olho; nas redes de todos
deixo arrastar o meu olhar pleno de desejo.

88. ANÓNIMO

Dois amores, como duas tormentas, me consomem,

Êumaco, e duas paixões me têm acorrentado.
 Não só a Asandro encosto o meu corpo; um olhar
 muito picante, às vezes, dirijo também a Télefo.
 Cortai-me pois ao meio – agradável seria! –, reparti-me
 em justa balança e tirai à sorte os meus membros.

89. ANÓNIMO

Cípris, porque lançaste três flechas contra um só alvo,
 e numa só alma três pontas de seta foste cravar?
 Aqui me queimo, ali me destruo. Procuvo escapatória,
 mas todo eu ardo num fogo bem impetuoso.

90. ANÓNIMO

Não amo mais! Contra três paixões lutei: por uma concubina,
 por uma donzela e por um mancebo me inflamei.
 Com cada um sofri. Aprendi a agraciar as portas da concubina,
 pouco dadas aos favores daquele que nada tem;
 dei voltas ao portal da donzela, sem nunca pregar olho,
 sem um beijo tão desejado à moça sequer ter dado.
 Ai de mim, que direi do terceiro fogo? Dele, olhares
 e vãs esperanças foram o único que logrei obter.

91. DE POLÍSTRATO

Um duplo Eros abrasa uma só alma. Olhos meus,
 que em toda a parte todo o prodígio observais,
 vede, admirável em seus resplendores dourados,
 Antíoco, a fina-flor dos brilhantes rapazes!

Basta! Porque lançais o olho também ao doce e gentil
Estasícrates, rebento coroadado de violetas da deusa Páfia⁴⁸?
Ardei, queimai, consumi-vos de uma vez por todas!
Não podeis, os dois juntos, eleger uma alma só?

92. DE MELEAGRO

Traidores da alma, cães de caça de rapazes, olhos meus,
vós que na rede de Cípris⁴⁹ sempre descansais o olhar,
outro Eros capturastes, como aos cordeiros o lobo, ou o corvo
ao escorpião, qual fogo que sob a cinza se inflama.
À vossa vontade! Por que derramais humedecidas
lágrimas, para logo abandonar este vosso suplicante?
Assai na beleza, grelhai agora em cima deste fogo lento,
se em verdade é Eros o supremo cozinheiro da alma.

93. DE RIANO

Os rapazes – labirinto sem saída. Onde quer que o olhar pouses,
como em rede para pássaros logo se fixa.
Por um lado, é Teodoro que te seduz, com o potente viço
da sua carne e a inocente flor dos seus membros;
por outro, Filocles, de rosto áureo, não muito alto
mas junto ao qual floresce um encanto divino;
voltas-te para contemplar Leptines, não mais os membros
podes mover e, qual íman inquebrantável, a seus passos
ficas colado; tal é o lampejo com que acende os seus olhos

⁴⁸ Como acontece em outros epigramas, o amado é comparado ao próprio Eros, filho de Afrodite, a deusa que recebia culto em Pafos.

⁴⁹ No original, trata-se de uma liga coberta de cola para caçar pássaros (vd. números 93, 132, 142).

esse rapaz, do topo da cabeça às unhas dos pés.
Saudações, belos rapazes! Oxalá atinjais a idade adulta
e de brancas venha a cobrir-se a vossa cabeleira.

94. DE MELEAGRO

Diodoro com os seus peitorais, Heraclito com os seus olhos,
a doce voz de Díon, Ulíades e as suas coxas.
Podes a suave pele de um acariciar, Filocles, olhar o outro,
com o outro conversar e com o último... tudo o resto:
sabe que a minha mente não conhece o ciúme. Agora, se Míisco
olhares com desejo, talvez não voltes a olhar a beleza.

95. DO MESMO

Se os Desejos te querem bem, Filocles, a odorífera
Persuasão e as Graças recoletoras de formosura,
em teus braços podes ter Diodoro, junto a ti cantará
Doroteu, no teu colo há de sentar-se Calícrates,
Díon abraçar-te-á enquanto te acaricia com a mão
o *cornio* certo e Ulíades por sua vez o destapa,
um beijo te dará Filon, Téron conversará contigo
e o mamilo de Eudemo apertará debaixo da clâmide.
Se estes prazeres te concede o deus, afortunado de ti:
bela salada-russa de rapazes vais tu cozinhar!

96. ANÓNIMO

Não é vã a máxima que entre os mortais alto proclama
que “não concedem os deuses a todos tudo possuir”.
De aspeto irrepreensível, nos olhos tens esse distinto

pudor e no peito te floresce o encanto,
e com isso conquistarás até os jovens. Já os teus pés,
neles não te foi concedido encanto semelhante.
Felizmente, uma bota ocultará o desenho do teu pé, caro
[Pirro,
e adornado com a sua beleza conseguirás alegrias.

97. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

Eupálamo é de tez pálida e rosada, como Eros,
mas só até Meríones⁵⁰, o chefe dos Cretenses;
de Meríones para baixo, porém, é Podalírio⁵¹, e já não volta
à Aurora⁵². Vê o invejosa que é a Natureza, a grande mãe.
Fossem as suas partes baixas iguais às de cima,
e levaria vantagem até sobre Aquiles⁵³, o Eácida.

98. DE POSIDIPO

Quer a Paixão, atando-a em cama de espinhos, a cigarra
das Musas⁵⁴ adormecer, sob o seu corpo dispondo fogo.
Mas a alma, entre livros formada, cria distintas colheitas,
lamentando-se contra o deus que agora a molesta.

⁵⁰ Meríones era o companheiro de Idomeneu na *Iliada* (6.251). O seu nome sugere o termo *meros* (ou *merion*), que significa “coxa” ou “nádega”.

⁵¹ À letra, com “pé de lírio”. O epigrama, como o anterior, ataca um rapaz que, da cintura para baixo, não tem um corpo apetecível.

⁵² A Aurora (a manhã) é dita “de dedos róseos”, uma imagem frequente (vd. números 242 e 265).

⁵³ Aquiles, descendente de Éaco, recebia o epíteto “de pés ligeiros”, contrariamente ao *eromenos* descrito, além de ser um paradigma global de beleza masculina.

⁵⁴ A cigarra das Musas surge em Platão (*Fedro* 259e) e simboliza o próprio poeta. O epigrama versa sobre os impedimentos que o amor pode constituir para a inspiração.

99. ANÓNIMO

Fui capturado por Eros, eu que nem em sonhos jamais aprendi
a alimentar o fogo quente pelos homens em meu coração.
Fui capturado! E não foi a paixão dos malvados, antes um olhar
puro e carregado de modéstia aquilo que me incendiou.
Fora o penoso labor das Musas! Ao fogo a minha mente
foi lançada, na companhia de uma dor deliciosa.

100. ANÓNIMO

Já que a porto estrangeiro de tais desejos me levaste, Cípris,
não te compadeças de mim, tu que conhecestes estes
[trabalhos?
Ou queres que sofra o insuportável, para logo dizer o seguinte:
“O conhecedor das Musas, Cípris o feriu sozinho!”?

101. DE MELEAGRO

Ainda os Desejos não me haviam ferido o peito, e Miíscos,
lançando-me flechas dos seus olhos, isto me gritou:
“Cacei esse convencido, eu! A altivez soberana da sabedoria
que tinha no sobrolho, calco-a agora sob os meus pés.”
Eu, tomando fôlego, disse-lhe: “Qual o espanto, meu querido?
– ao mesmíssimo Zeus Olímpico o derrotou Eros”⁵⁵.

102. DE CALÍMACO

Um caçador busca pelos montes cada lebre
e as pegadas de cada gazela, Epicides,

⁵⁵ Referências às inúmeras (e conhecidas) aventuras amorosas de Zeus.

suportando geadas e nevadas. E se alguém lhe diz
“Vê, uma peça abatida!”, ele não a recolhe.
Igual é o meu amor: o que lhe foge sabe perseguir,
mas foge sempre do que está à mão de semear.

103. ANÓNIMO

Sei amar quem me ama; como sei, se alguém me injuria,
pagar com ódio – em ambas as artes não sou néscio!

104. ANÓNIMO

A meu lado apenas esteja o meu amor. Mas, se com outros
convive... ah, como odeio um amor partilhado, Cípris!

105. DE ASCLEPIÁDES

Eu, um pequeno Eros que voou para longe da mãe, fácil de caçar,
do topo da casa de Dâmis já não penso levantar voo!
Pois aqui, dando e recebendo amor, sem lugar a ciúmes,
tenho a companhia cúmplice não de muitos, mas de
[um só.

106. DE MELEAGRO

Uma só delícia entre todas conheço, uma só coisa sabe fazer
o meu olhar lascivo: ver Miíscos. Para tudo o resto sou
[cego.
Tudo para mim se lhe assemelha. Acaso o contemplam

os meus olhos, esses adutores, para confortar a alma?

107. ANÓNIMO

Ao belo Dioniso, Graças, se o meu amor escolher,
conservai-lhe estação após estação a formosura.
Mas se outro amar e me deixar, como bago de mirto seco
deitai-o fora, misturado com os demais despojos secos.

108. DE DIONÍSIO

Se é certo que me amas, Acrato⁵⁶, hás de ser semelhante
ao vinho de Quios, mais doce ainda que o de Quios;
Mas se com outro te importas mais que comigo, esvoace
à tua volta um mosquito nascido de um jarro de vinagre.

109. DE MELEAGRO

O efeminado Diodoro, lançando fogo aos rapazes,
acabou caçado pelos olhos ávidos de Timário,
graças ao agridoce raio de Eros. Um novo prodígio
vislumbro: um fogo que arde acendido pelo fogo.

110. DO MESMO

Refulgiu a sua doce beleza; vede as chamas que lança de seus
[olhos!
Um moço armado de flechas, isso me mostrou Eros?
Saúde, Míisco, portador dos raios dos Desejos para os mortais!

⁵⁶ O nome, que pode ser forjado, significa à letra “(vinho) sem mistura”.

Oxalá brilhes, cá na terra, como tocha a mim favorável.

111. ANÓNIMO

Eros tem asas, tu os pés velozes. A formosura, essa, é comum a ambos. Às vossas flechas, Êubio, estamos submetidos.

112. ANÓNIMO

Aplaudi, rapazes! Eros, leva-o agora Arquesilau, amarrado pela coleira purpúrea de Cípris.

113. DE MELEAGRO

O mesmíssimo Eros alado foi no céu feito prisioneiro, Timárior, quando o caçaram os teus olhos.

114. DO MESMO

Mensageiro da aurora, luzeiro da manhã, salve! Rápido
[regressa,
qual estrela vespertina, e traz de volta a⁵⁷ que antes levaste.

115. ANÓNIMO

Bebi loucura sem mistura. Ébrio de todo, armei-me de palavras – grande insensatez! –, para o caminho. Vou de festa. Que importam trovões, raios que importam? lance-os se quiser: tenho Eros por armadura invulnerável.

⁵⁷ Epigrama heterossexual. Possa o mesmo sol, que ao despontar marcou o afastamento da amada, trazê-la de volta no momento do seu ocaso.

116. ANÓNIMO

Irei de festa – estou bêbado como um cacho! Toma esta coroa,
rapaz, inundada com as minhas lágrimas.
Longo caminho farei, mas não será em vão: a hora é difícil,
a noite escura; mas tenho potente tocha – Temisso.

117. DE MELEAGRO

A sorte está lançada! Alumia-me; partirei! – Que coragem,
bêbado como estás! – E tu com isso? Irei de festa!
Irei de festa? – Onde vais, coração? – Lá importa ao amor
[a razão?
Alumia-me rápido! – Que é feito do teu cuidado com
[as palavras?
– Ao diabo o duro esforço da sabedoria! Uma coisa sei bem,
que até a vontade de Zeus Eros conseguiu abater.

118. DE CALÍMACO

Se voluntariamente chego, ao cabo da festa, censura-me sem fim.
Mas se chego involuntariamente, modera então a acusação.
O vinho puro e Eros me obrigaram; arrastava-me um deles,
impedia-me o outro controlar as rédeas do meu espírito.
Ao chegar, não chamei por este ou por aquele, apenas beijei
a tua porta: se isto é crime, então sim, sou criminoso.

119. DE MELEAGRO

Suportarei, em teu nome, Baco, a tua ousadia! Vamos,
dirige a festa! Um deus dirige o meu coração mortal.

Porque no fogo foste gerado, amas a chama que há em Eros
e, aprisionando-me de novo, arrastas-me como suplicante.
Como és traidor e falso! Mandas ocultar os teus mistérios,
mas fazes questão de desvendar agora os meus.

120. DE POSIDIPO

Bem armado estou, lutarei contra ti e não cederei,
embora seja mortal. E tu, Eros, deixa de me atacar!
Se me vires bêbado, leva-me contigo. Enquanto estou sóbrio,
disposta a combater-te tenho a minha razão.

121. DE RIANO

Não há dúvida, Cleonico, que pelo sendeiro que seguias
foram ao teu encontro as resplandecentes Graças!
Foi quando com seus braços rosáceos te abraçaram,
rapaz, convertendo-te na graça imensa que és.
Saúda-me por isso de longe: do fogo, meu querido,
não convém que se aproxime muito a espiga seca⁵⁸.

122. DE MELEAGRO

Graças! Quando o belo Aristágoras ante vós contemplastes,
em vossos braços delicados então o prendestes.
Por isso lança chamadas a sua beleza, com doçura fala
o suposto e, se está em silêncio, com os olhos diz delícias.

⁵⁸ Passo de complexa transmissão e entendimento textual. Deve referir-se à barba da espiga enquanto imagem da idade avançada do sujeito poético, por contraste com a juventude do jovem amado (vd. números 36, 127, 267).

Longe de mim! Mas isso de que serve, se, qual novo Zeus
Olímpico, sabe esse rapaz lançar longe os seus raios?

123. ANÓNIMO

Quando Menecarmo venceu no pugilato, o filho de Anticleu,
com dez bandeletes⁵⁹ delicadas o coroei
e três vezes o beijei, todo ele banhado em sangue:
ainda assim, mais doce que a mirra me soube.

124. [ANÓNIMO, OU] DE ARTÉMÓN

Quando às ocultas Equedemo espreitava pela porta,
às ocultas beijei a sua juventude encantadora.
Tive medo, pois em sonhos vinha até mim com a aljava
e, oferecendo-me um galo⁶⁰, sempre se ia embora,
sorrindo umas vezes, outras hostil. Acaso pus a mão
num enxame de abelhas, de urtigas ou de fogo?

125. DE MELEAGRO

Noite dentro, um sonho doce com um rapaz sorridente,
de uns dezoito anos e ainda de clâmide⁶¹,
trouxe-me Eros sob as mantas. Eu, à sua pele delicada
encostei o peito, colhendo apenas vãs esperanças.

⁵⁹ Eram enroladas bandeletes em volta do pescoço e dos membros do vencedor que, no caso, deveria concorrer na categoria dos rapazes.

⁶⁰ Metáfora da manhã, que determina a separação dos amantes.

⁶¹ A clâmide, uma túnica curta sujeita ao ombro por uma pregadeira, identificava a classe dos efebos (até aos 18 anos).

Abrasa-me ainda o prazer dessa memória. Nos olhos,
guardo sempre o sonho que capturou essa visão alada.
Alma de loucas paixões! Deixa de uma vez, até em sonhos,
de excitar-te em vão com tais miragens da beleza!

126. DO MESMO

Começa a dor a tocar-me o coração; é que, ao passar,
com a ponta das unhas mo arranhou o cálido Eros.
Entre risos me disse: “de novo padecerás a doce chaga,
pobre amante, consumido pelo fogo de um mel violento.”
Desde então, quando vejo Diofanto, o novo rebento
dos jovens, nem fugir nem ficar quieto eu consigo.

127. DO MESMO

Seguia eu, pelo meio-dia, um sendeiro, quando vi Aléxis,
no tempo em que o verão corta a cabeleira das espigas.
Dois raios então me queimaram: primeiro os de Eros,
emanando dos olhos desse rapaz, depois os do Sol.
A estes, logo a noite os acalmou; àqueles, em sonhos,
a imagem da sua beleza mais ainda os incendiou.
O sono, que os demais livra da dor, para mim mais dor gerou,
ao esculpir-me na alma, como fogo vivo, a beleza.

128. DO MESMO

Flautas dos cabreiros, nos montes não mais celebres
Dáfnis⁶², buscando agradar a Pã, criador de cabras;

⁶² Pastor da Sicília amado por Pã, ser híbrido (metade bode, metade

nem tu, lira profeta de Febo⁶³, ao que foi coroado
 com o loureiro virginal voltas a cantar, a Jacinto⁶⁴.
 Dáfnis era a delícia das ninfas da montanha, como para ti
 era Jacinto. Agora, o cetro dos Desejos ostenta-o Díon.

129. DE ARATO

Filocles, o Argivo, é belo em Argos – isso proclamam
 as estelas de Corinto e os túmulos de Mégara.
 Por escrito consta, mesmo nos balneários de Anfiarau,
 o belo que é⁶⁵. Mas pouco nos convencem estas letras.
 Um outro⁶⁶, de quem não dão as pedras testemunho, Riano⁶⁷
 em pessoa o viu, e diz ser muito superior ao primeiro.

130. ANÓNIMO

Digo uma e outra vez: “Bonitão, bonitão!” E mais vezes
 direi o belo que é, o gracioso que é o olhar de Dosíteo.
 Não foi num carvalho, num pinheiro, numa parede sequer
 que gravei essa palavra; Eros a inscreveu no meu coração.
 E se alguém disser o contrário, não acrediteis! Por ti, divindade,
 juro que mente – apenas eu, a propósito, sei dizer a verdade.

homem) e o criador lendário da flauta.

⁶³ Apolo.

⁶⁴ Jovem amado por Apolo, morto acidentalmente pelo deus ao lançar um disco. Ambos, Dáfnis e Jacinto, são o modelo mítico do jovem rapaz belo e vítima inocente do amor de uma divindade.

⁶⁵ O epigrama faz alusão ao costume de inscrever, em placas e vasos de cerâmica, mas também em paredes ou mesmo nos troncos das árvores (n.º 130) – prática que não nos é estranha – o nome de um rapaz seguido de *kalos* (“belo”).

⁶⁶ I.e. um outro rapaz de nome Filocles.

⁶⁷ Os manuscritos referem neste ponto outro poeta, Prieneu. Mas os editores têm preferido a lição que seguimos em tradução.

131. DE POSIDIPO

Tu, que recorres Chipre, Citera, Mileto
e a bela planície da Síria ressonante de cavalos,
volta-te propícia para Calístio⁶⁸, que a um amante
jamais fechou as portas de sua casa.

132 (A). DE MELEAGRO

Não te tinha eu dito, alma: “Por Cípris, olha que vais acabar
[presa,
sua louca apaixonada, se insistes em aproximar-te da rede”?
Disse ou não disse? Apanhou-te a armadilha – porque tentas
[agora
em vão soltar-te? O próprio Eros amputou as tuas asas,
colocou-te sobre o fogo, ungiu-te com perfumes, já moribundo,
e para matar a sede te deu lágrimas afogueadas de beber.

132 (B)⁶⁹ [DO MESMO]

Ó alma atormentada, ressurges agora do fogo,
já te recompões, já recobras o alento.
Porque choras? Quando no ventre geravas o terrível Eros,
ignoravas acaso que contra ti o estavas a alimentar?
Não sabias? Aí tens o prémio pelos teus cuidados:
juntos, fogo e neve fria – essa a tua recompensa.
Assim escolheste – suporta agora a dor! Sofres o merecido,
para tal agiste, e por isso agora ardes em fogo de mel.

⁶⁸ Percebemos, pelo texto original, que se trata de um nome feminino.

⁶⁹ P apresenta ambos os epigramas como um só. Desde logo pela extensão pouco comum de 14 versos, desde cedo se consideram dois poemas distintos.

133. DO MESMO

Morto de sede, no verão, beijei um moço de pele suave
 e, acalmada a minha áspera sequia, assim falei:
 “Zeus pai, o beijo de néctar de Ganimedes acaso bebes,
 e algo assim pode ele destilar em teus lábios?
 É que eu, ao beijar Antíoco, belo entre os jovens,
 o mel adocicado da sua alma logrei beber.

134. DE CALÍMACO

Ocultava um conviva a ferida que o atingia. Um penoso
 suspiro – bem viste – soltou contudo do seu peito
 ao beber a terceira taça, e as rosas desfloradas
 da grinalda desse homem acabaram no chão.
 Pelos deuses, grande era a sua tormenta; e não por acaso
 o adivinho – reconhece um ladrão as pegadas de outro.

135. DE ASCLEPÍADES

O vinho é a prova do amor. Negando-nos estar apaixonado,
 muitos foram os brindes que denunciaram Nicágoras.
 Por isso chorava e estava distante, cabisbaixo tinha o olhar
 e sequer levava acomodada à cabeça a grinalda.

136. ANÓNIMO

Aves chilreantes, porquê esse clamor? Não me molesteis,
 quando no corpo delicado de um moço me deixo arder,
 rouxinóis que repousais nos ramos! Sendo o falatório
 coisa de mulheres, suplico-vos, guardai silêncio!

137. DE MELEAGRO

Arauto da manhã⁷⁰, nefasto mensageiro para um amante
[desgraçado,
três vezes maldito, chilras noite dentro batendo as tuas asas,
orgulhoso sobre o meu leito, quando escasseia já a noite
para amar este rapaz, e das minhas dores te ris, perverso!
Tal gratidão amável tens com quem te criou? Pela profunda
[madrugada,
seja a última vez que entoas semelhante canto amargo!

138. DE MENESALQUES

Videira, as tuas folhas acaso te apressas em lançar ao chão
receando que a Ocidente as Pléiades se banhem no mar⁷¹?
Espera só que Antileonte caia no doce sono⁷²,
só até aí, tu que em tudo agracias os bonitões.

139. DE CALÍMACO

Há algo escondido, por Pã que sim, há algo aqui,
por Dioniso, um resto de fogo sob a cinza!
Não me fio! Não me abraças: é comum não ver
o rio calmo que no subsolo destrói um muro.
E receio, Menéxeno, que a mim te tenhas acoplado
e em silêncio me lances nas garras do amor.

⁷⁰ O galo, que anuncia o nascer do sol e o fim da noite de amor.

⁷¹ O ocaso das Pléiades situa-se em novembro, e pode querer significar a dificuldade em navegar.

⁷² O poeta pede à videira que espere que o amado adormeça debaixo dela, para sobre ele fazer cair as suas folhas. Está implícito o ritual de *phyllobolia*, pelo qual se lançava uma chuva de folhas sobre um vencedor atlético.

140. ANÓNIMO

Quando vi o belo Arquéstrato, por Hermes, não lhe disse
o belo que era, pois nem me parecia ser assim tanto.
Mal o disse, Némesis arrastou-me consigo, jazi no fogo
e Zeus apenas contra mim lançou os seus raios.
Ao moço ou à deusa, a quem suplicar? Superior à deusa
é para mim o moço – então passa bem, Némesis!

141. DE MELEAGRO

Disseste, por Cípris, o que deus algum diria, coração adestrado
na maior audácia: que Téron não te parecia belo!
Não te parecia Téron belo? E isso mesmo tu sustentas,
não temendo sequer o fogo do raio que Zeus lança?
Vê bem como a cruel Némesis quis que o charlatão de antes
servisse de exemplo ao que agora fala com insolência.

142. À maneira de RIANO

Com a rede, debaixo de um plátano verde, Dexionico
caçou um melro e prendeu-o pelas asas⁷³;
entre gemidos se lamentava essa ave sagrada.
Fosse eu, Eros querido e Graças florescentes,
um tordo ou um melro, para nas mãos desse rapaz
gritos e doce pranto poder saltar!⁷⁴

⁷³ O melro é uma das aves sagradas de Afrodite. Existia o hábito de caçar pássaros selvagens para depois os domesticar e oferecer a um amado.

⁷⁴ Têm os críticos querido ver nestes versos finais a inspiração para o famoso poema do *pasarinho de Lésbia* de Catulo (carne 2).

143. ANÓNIMO

Hermes! Ferido por um efebo, arranquei a amarga flecha.
– Também a mim, estrangeiro, calhou semelhante sorte.
– Mas consome-me o desejo por Apolófanes! – Caro atleta,
levas-me a dianteira; caímos ambos no mesmo fogo.

144. DE MELEAGRO

Porque choras, rompe-corações? Porque depuseste o arco cruel
e as flechas, despindo a plumagem do teu par de asas?
Acaso também te abrasa o invencível Miíscos com o seu olhar?
É justo! Do que antes fizeste suportas agora as penas.

145. ANÓNIMO

Cessai, amantes de moços, de em vão sofrer! Chega de tormentos,
insensatos! Esperar o impossível conduz apenas à loucura.
Como drenar na praia seca o mar inteiro, ou contar
do deserto da Líbia todo e cada grão de areia,
assim é desejar a paixão dos rapazes, cuja beleza
soberba tanto a mortais como imortais resulta doce.
Olhai-me bem, todos vós: a minha chaga anterior, não mais
que água inutilmente derramada em praias ressequidas.

146. DE RIANO

Tinha caçado um veadinho e perdi-o; tendo sofrido
um sem fim de penas e disposto redes e armadilhas,
de mãos vazias agora regresso. E outros, sem esforço
levam o que é meu, Eros – sê-lhes tu cruel!

147. DE MELEAGRO

Raptaram-na! Quem pôde ser selvagem a ponto de tal crime?
 Quem ousou contra o próprio Eros declarar guerra?
 Acende as tochas, rápido! Ouço gritos – é Heliodora!
 Entra de novo dentro de mim, meu coração!

148. DE CALÍMACO

Sei que sou homem de mãos vazias, como sei! Mas Menipo,
 pelas Graças, não me contes o meu próprio sonho!
 O dia inteiro sofro por ouvir essa palavra amarga;
 essa, meu amor, a mais ingrata das que de ti vêm.

149. DO MESMO

“Vou-te apanhar, foge Menécrates!” Disse-lhe em Pameno
 pelo dia vinte, e depois em Loo⁷⁵... quando? – lá pelo dia dez.
 O touro foi pelo próprio pé ao talhante. Está bem, querido
 [Hermes,
 está bem meu amor: vinte dias, seja! – não me posso
 [queixar.

150. DO MESMO

Que bela mezinha foi achar Polifemo para o seu amor.
 Por Geia, não era nada burro o Ciclope⁷⁶!

⁷⁵ Pameno e Loo são dois meses sucessivos no calendário macedónico. Desenvolve o epigrama um (lento) processo de sedução.

⁷⁶ No caso, o encantamento da poesia. Não se trata já do ciclope homérico ou de Eurípides, antes de um outro Polifemo, poeta e apaixonado, que a partir do século IV a.C. (e de Filóxeno de Citera, mais concretamente) foi cantado por vários poetas, entre os quais Teócrito.

As Musas reduzem a cinza o amor, Filipo!
Para os delírios todos, o saber é o remédio.
Isto, creio, faz bem às desgraças, aquelas mesmo
que só a fome causa – cura a doença da paixão por moços.
Enquanto ela tiver cura, contra o cruel Eros
é dizer: “Corta-me essas asas, pirralho!”
Nenhum medo te temos. Os antídotos para essa chaga
tortuosa, um e outro temos cá em casa.

151. ANÓNIMO

Se viste por aí a mais fina-flor dos rapazes,
deves ter posto o olho em Apolodoro.
E se ao vê-lo, amigo, não te tomaram ardentes
desejos, um deus ou de pedra debes ser.

152. ANÓNIMO [OU DE MELEGARO]

Heraclito da Magnésia, o meu amor, não amola o ferro
com uma pedra, antes o meu alento com a sua beleza.

153. DE ASCLEPÍADES

Arqueades costumava abraçar-me. Agora, desgraçada de mim,
já nem me provoca com brincadeiras como dantes.
Nem sempre é doce esse Eros de mel! Após ter sido cruel,
muitas vezes o deus favorece os apaixonados.

154. DE MELEAGRO

O moço é jeitoso, e até o nome dele, Miíscos, doce
e encantador me parece. Como não amá-lo?

Bom, bom como o milho, por Cípris! Se me atormenta,
é porque Eros sabe misturar vinagre com mel.

155. ANÓNIMO⁷⁷

– Não me fales mais assim! – Que culpa tenho, se ele me
[enviou!
– Por segunda vez o dizes? – Por segunda vez; ele disse-me:
[“Vem!”
A caminho, não tardes: estão à tua espera! – Vou primeiro
[ao encontro
destes, e já vou! A terceira história⁷⁸, sei bem do que a
[casa gasta!

156. ANÓNIMO

A tempestade primaveril te assemelhas, Diodoro,
amor meu, quando enfrentas o ignoto mar:
umas vezes feroz borrasca, outras porém, sereno,
derretem os teus olhos num sorriso doce.
Qual náufrago engolido pelo mar que as ondas cegas
enfrenta, ando à deriva sob imensa tempestade.
Vamos, dá-me um sinal do teu amor, de ódio que seja;
saiba ao menos em que espécie de marés navego.

⁷⁷ O epigrama, textualmente dos mais complexos da coletânea, desenvolve o diálogo entre um rapaz e o seu escravo, acusado de insolência, que lhe leva uma mensagem do *erastes*, para que vá ao seu encontro. Ao que tudo indica, o *eromenos* faz-se difícil e anuncia que primeiro irá junto de outros (os convivas de um simpósio) ou de outro amante, e só depois acederá à ordem da mensagem.

⁷⁸ Entenda-se, o desfecho da situação, o encontro com o amante habitual que o solicita.

157. DE MELEAGRO

Cípris dirige a nau, Eros vigila o leme e nas mãos
segura o timão derradeiro da minha alma.
Atormentam-me os ventos duros do Desejo; e navego,
por culpa deles, em mar cravejado de rapazes.

158. DO MESMO

A ti, a divina soberana dos Desejos⁷⁹ me entregou, Téocles,
ante ti me deixou, despido, Eros de sandália ligeira,
e, estrangeiro em terra estranha, atou-me com nó-cego.
A minha busca é por um amor impossível de desatar.
Mas tu recusas quem te deseja, e já não te convencem
nem o tempo nem as provas da nossa mútua discrição.
Ajuda senhor meu, ajuda! Em meu deus te converteu a
[Divindade;
são teus os limites da minha vida e da minha morte.

159. DO MESMO

São tuas, Míisco, as amarras que me prendem à vida!
Teu o alento que resta da minha alma!
Sim, meu lindo, pelos teus olhos que falam mesmo
para surdos, sim, pelo arco iluminado da tua testa!
Lança-me um só olhar sombrio, e o inverno logo vislumbro;
olha-me radiante, ao invés, e uma suave primavera nasceu.

⁷⁹ Afrodite.

160. ANÓNIMO

Resignado guardo no peito um desgosto cruel,
 isso e o grilhão de corrente bem pesada.
 Não só agora, Nicandro, dei de caras com os golpes de Eros,
 pois muitas vezes os desejos me dominaram.
 Por isso, Adrastea⁸⁰, a sua decisão pérfida castiga como merece,
 e tu também, Némesis, a mais terrível para quem é feliz.

161. DE ASCLEPIÁDES

Dórcion, apaixonada por efebos, sabe como um rapaz tenrinho
 lançar o penetrante dardo dessa Cípris das encruzilhadas,
 sempre com um lampejo de desejo no olhar. Sobre os ombros
 leva o pétaso⁸¹, e sob a clâmide deixa ver as coxas nuas.

162. DO MESMO

Sem arco portar ainda, violento, apenas um menino,
 o meu querido Eros regressa para junto de Cípris
 de tabuinha dourada na mão; e sussurra na alma de Diaulo
 esses feitiços de amor que Filócrates⁸² compôs para
 [Antígenes.

⁸⁰ Divindade da justiça, outras vezes usada como epíteto de Némesis (a Vingança).

⁸¹ Chapéu largo, normalmente pendurado ao pescoço e caído sobre as costas. O pétaso e a clâmide identificavam a classe dos efebos, com a qual quer parecer-se esta jovem, provavelmente uma prostituta.

⁸² Pode tratar-se de um poeta cujos versos, para um seu *eromenos*, teriam ficado famosos ao ponto de merecerem a presente homenagem de Asclepiádes.

163. DO MESMO

Eros logrou o belo com o belo mesclar; não uma esmeralda
com o ouro, que não brilha nem aspira igualar-se-lhe,
marfim com ébano ou branco com negro, mas sim Cleandro
com Eubioto, ambos flores da persuasão e do amor.

164. DE MELEAGRO

Como é doce misturar com vinho puro o suave licor das
[abelhas,
como é doce amar um rapaz quando ainda é atraente!
Assim a Cleobulo, o da escassa melena, ama agora Aléxis,
ambos exemplo do vinho de mel de Cípris para os mortais.

165. DO MESMO

Uma flor branca é Cleobulo, e Sopolis tem a pele
da cor do mel – mas são ambos a fina-flor de Cípris.
Daqui o meu amor pelos rapazes; os Amores,
consta, teceram-me com fio branco e negro.

166. DE ASCLEPIÁDES

O que sobra da minha alma, o que ainda existe, Amores,
deixai-o – pelos deuses vo-lo peço – estar tranquilo!
Se não, atingi-me não com flechas, mas com raios,
reduzi-me a cinza e carvão por inteiro.
Vamos, feri-me Amores! Anestesiado pelos desgostos,
apenas isso quero de vós, se é que algo ainda quero.

167. DE MELEAGRO

Há um vento de tempestade! Leva-me até junto de ti, Míisco,
 Eros de doces lágrimas, afastando-me da pândega⁸³.
 O pesado sopro do Desejo me atormenta; e tu, acolhe-me
 no teu porto, a este marinheiro perdido no mar de Cípris.

168. DE POSIDIPO

Por Nano⁸⁴ e Lide⁸⁵, enche mais duas taças, e vamos,
 outras por Mimnermo e o prudente Antímaco.
 Prepara a quinta por mim, e a sexta, como dizias,
 Heliodoro, “por cada um de nós, os apaixonados”.
 A sétima por Hesíodo, a oitava, disse, por Homero,
 a nona pelas Musas, por Mnemósine⁸⁶ a décima.
 O copo a transbordar beberei, Cípris! Aos Amores o resto,
 quanto não caia já bem ao bêbado nem ao sóbrio.

169. DE DIOSCÓRIDES

Escapei, Teodoro, da tua prisão! Mas assim que disse
 “escapei à que para mim foi a mais cruel divindade”,
 outra mais cruel me submeteu. Agora sirvo Aristócrates,
 seus caprichos mil, e aguardo já pelo terceiro cárcere.

⁸³ À letra, dos cortejos dionisíacos.

⁸⁴ A amada celebrada por Mimnermo, poeta grego do séc. VII a.C.

⁸⁵ Amada de Antímaco (séc. IV a.C.).

⁸⁶ A Memória.

170. DO MESMO

Libações, incensos e vós, divindades misturadas
no *krater*⁸⁷, vós que possuís meus votos de amizade,
servi-me, reverências, de testemunho, pois esse rapaz,
o da pele de mel, Ateneu, por todos vós jurou!

171. DO MESMO

Como o levaste, devolve-me, Zéfiro⁸⁸, o belo caminhante
Eufrágoras, tu que és o mais calmo dos ventos,
e recorta ao mínimo a duração dos meses – um instante,
por menor que seja, a quem ama um século parece.

172. DE EVENO

Se odiar é um tormento, mas amar igualmente atormenta,
de ambos os males escolho sofrer a ferida da melhor dor.

173. DE FILODEMO

Demo dá cabo de mim, e Térmon também; a última
é menina de rua, a outra ignora ainda os encantos de Cípris.
Uma toco-a, à outra nem pensar! Mas, por ti juro, Cípris,
que nem sei dizer qual das duas mais cobiço.
Escolho a minha Demo, a donzela: não persigo
o fácil, antes desejo tudo o que está guardado.

⁸⁷ Onde se misturava e servia o vinho nas taças.

⁸⁸ O vento do oeste, associado à chegada da primavera.

174. DE FRONTÃO

Até quando lutar comigo, queridíssimo Ciro; que fazes?
 Não tens pena do teu Cambises⁸⁹? – diz-me lá!
 Não sejas um Medo⁹⁰! Um Sacas⁹¹ hás de ser em breve,
 e os teus pelos te converterão num Astíages.

175. DE ESTRATÃO

Não tenhas ciúmes dos teus amigos por causa de escravinhos,
 nem tampouco ponhas para servir o vinho os efeminados.
 Ante o amor, algum homem é de ferro? Ao vinho, acaso há
 quem resista? Algum homem não deita o olho aos
 [bonitões?
 Este o hábito dos vivos. Ao lugar onde não há amores
 nem bebedeiras, Diofonte, aí deves tu ir, se quiseres,
 e aí mesmo convidar Tirésias ou Tântalo para beber,
 aquele para que nada veja, este para que veja e não mais⁹².

176. DO MESMO

Porquê, Menipo, triste dessa maneira, te cobres até aos pés,
 tu que antes levantavas o manto sobre os músculos?

⁸⁹ O poeta faz um jogo com personalidades históricas, da corte dos Persas, que os Gregos viam como efeminada. Ciro, rei dos Persas – e coincidentemente o nome do *eromenos* em causa – era filho de Cambises e neto de Astíages, pelo que a ameaça é a de que a idade e a velhice também chegarão a este jovem.

⁹⁰ I.e. um persa.

⁹¹ Sacas era o copeiro real da corte persa, um cargo importante e simbólico.

⁹² Tirésias é o adivinho cego mais tradicional da literatura grega. Quanto a Tântalo, o seu castigo proverbial consistia em estar amarrado, submerso até à cintura, o que o impedia de alcançar a comida.

Porque passaste a correr, cabisbaixo, sem me falar?
Sei bem que escondes algo; chegaram os que te dizia!⁹³

177. DO MESMO

Ontem já tarde, quando nos despedíamos, Méris
beijou-me – não sei se de verdade ou em sonhos.
Do mais que se passou, recordo tudo com exatidão,
as coisas que me disse, as que me perguntou.
Mas se me beijou, não estou certo; a ser verdade,
como, volvido em deus, me arrasto ainda pela terra?

178. DO MESMO

Peguei fogo quando Têudis surgiu entre os demais rapazes,
como o sol que se levanta por entre as estrelas.
Por isso queimo ainda, agora que o cobre a cabeleira da noite,
pois mesmo quando se põe o sol continua a ser sol!⁹⁴.

179. DO MESMO

Jurei-te, Crónida, que jamais (sequer a mim mesmo)
contaria que Têudis me pediu que o tomasse.
Mas a minha alma, pouco dada a juras, esvoaça contente
pelos ares e não consegue guardar o seu bem.
Direi pois, e tu que me desculpes: “Ele disse que sim!”
Zeus pai, que delícia gozar uma felicidade desconhecida!

⁹³ Os pelos corporais, que o jovem trata de ocultar com o vestuário.

⁹⁴ No caso, nem o cair da noite (metáfora para o surgimento dos pelos no corpo do rapaz) determinou o término do amor do poeta.

180. DO MESMO

Um calor imenso toma conta de mim. Tu, rapaz, deixa
de remexer no ar o fino lençol ao meu lado!
É outro o fogo que tenho dentro, aceso pelos copos,
e os teus movimentos tão só o avivam ainda mais.

181. DO MESMO

É falso o que dizem, Téocles, que são boas
as Graças, que são três e de Orcómeno:
cinquenta há pelo menos a brincar no teu rosto,
lançando flechas e capturando almas alheias.

182. DO MESMO

É agora inútil que me beijes, uma vez extinto o fogo do amor,
quando já nem como doce amigo te tenho.
Recordo as nossas desavenças. Agora, Dáfnis, tarde demais,
que o arrependimento ocupe o seu lugar.

183. DO MESMO

Que prazer, Heliodoro, seriam teus beijos, não me beijasses
tu apertando-me com esses lábios vorazes que tens,
antes quieto, com os teus fechados encostados aos meus,
como em casa, se não estás, me beija a tua imagem de cera.

184. [DO MESMO]

Não tentes conquistar Menedemo pelo engano; faz-lhe sinal
com as sobrancelhas, e sem mais te dirá: “Avança!”

Não há que esperar. Adianta-se mesmo ao fulano que o guia,
e mais que um regato, um rio, todo ele se abre ao trânsito.

185. DO MESMO

A esses moços convencidos e de banda de púrpura⁹⁵,
dos quais não nos é dado aproximar-nos,
como figos maduros⁹⁶ no alto de rochedos escarpados
os devoram os abutres, Dífilo, e os corvos.

186. DO MESMO

Por quanto tempo esse sobrolho elevado manterás,
Mentor, sem me dizer sequer um *olá*,
como se para sempre fosses ser jovem ou para sempre
fosses dançar a pírrica⁹⁷? Tens o fim já à espreita!
Vai crescer-te a barba, mal derradeiro; mas eis o pior:
só então provarás o sabor da falta de amantes.

187. DO MESMO

Como vais tu ensinar música ao rapaz, Dioniso,
se nem mudar de nota em condições sabes?
Da mais aguda passas rapidamente à mais grave,
da elevação mais fraca à mais forte⁹⁸.

⁹⁵ Jovens de alta condição social, supostamente indiferentes às investidas dos amantes adultos.

⁹⁶ Os figos, quando maduros, apresentam parcialmente uma tonalidade vermelha.

⁹⁷ Dança guerreira que requer resistência, flexibilidade e, sobretudo, juventude.

⁹⁸ Sob a alegoria do ensino musical, o epigrama desenvolve metáforas

Mas não te invejo – vai praticando! E, enquanto ensaias
ambas as notas, aos invejosos diz *lambda* e *alfa*⁹⁹.

188. DO MESMO

Se beijar-te é crime, e o tomas por ato insolente,
impõe-me o castigo e beija-me também tu!

189. DO MESMO

Quem te coroou de rosas todo inteiro? Um amante?
– felizardo! O teu pai? – tem olho o velhote!

190. DO MESMO

Feliz aquele que te pintou, e feliz esta cera¹⁰⁰,
que pela tua beleza soube deixar-se vencer!
Como o caruncho ou outra larva fosse o meu corpo,
e lançar-me-ia a essa madeira¹⁰¹ para devorá-la.

191. DO MESMO

Não eras ainda ontem um menino? Nem em sonhos a barba
tinhas crescida. Como foi acontecer tal prodígio,

sexuais como a alternância entre sexo oral e anal (v. 3) e a incapacidade de manter uma ereção (v. 4).

⁹⁹ Pode estar em causa um código pederasta, segundo o qual *alpha* e *lambda* seriam as primeiras letras de verbos como *anaphlao* (“masturbar-se”) e *labdakizo* (“chupar”).

¹⁰⁰ Os retratos costumavam pintar-se sobre tábuas cobertas de cera.

¹⁰¹ Clara alusão ao sexo oral.

e a beleza passada toda de pelos se cobriu? Ai, desgraça!
Ainda ontem eras Troilo, como foste tornar-te Príamo¹⁰²?

192. DO MESMO

Não gosto de cabelo comprido nem caracóis exagerados,
resultado da técnica e não obra da natureza!
Prefiro a negrura do pó do rapaz que chega da palestra,
a cor dos seus músculos com a carne a brilhar de azeite.
Doce e sem ornamentos é o meu desejo. Uma beleza
enganadora é coisa da feminina deusa Páfia.

193. DO MESMO

Nem o que te dizem as Némesis de Esmirna¹⁰³,
Artemidoro, tu entendes: “Nada em excesso!”¹⁰⁴
Antes falas, tudo interpretando de forma orgulhosa
e violenta, o que nem a um cómico convém.
Recorda, orgulhoso: também tu hás de apaixonar-te,
e então sim representarás a comédia *A repudiada*¹⁰⁵.

¹⁰² Troilo era o mais jovem dos filhos de Príamo, o rei de Troia aquando da mítica tomada da cidade pelos Gregos.

¹⁰³ Consta que, em Esmirna, havia duas estátuas aladas de Némesis, como se viu a personificação da vingança.

¹⁰⁴ A máxima, similar ao famoso *meden agan* que estaria inscrito à entrada do templo de Apolo em Delfos, poderia estar também inscrita na base das estátuas que referimos.

¹⁰⁵ O título de uma comédia de Posidipo de Cassandreia, discípulo de Menandro.

194. DO MESMO

Raptasse ainda Zeus da terra para o céu rapazes
 mortais para lhe servirem o doce néctar,
 e uma águia em suas asas o nosso belo Agripa
 teria já levado para o séquito dos bem-aventurados.
 Bastaria que o contemplasses, Crónida pai do mundo,
 e de imediato repudiarias o frígio Dardânida.

195. DO MESMO

Com tantas flores não despontam os prados
 amigos do Zéfiro, no alvor da primavera,
 como rapazes bem-nascidos verás, Dioniso,
 plasmados pelas mãos de Cípris e das Graças.
 Destacando dos demais, vê Milésio, que floresce
 como a rosa que brilha em suas fragrantes pétalas.
 Não sabe ainda que, como pelo calor murcha uma flor bela,
 o mesmo sucederá com a sua beleza por efeito dos pelos.

196. DO MESMO

São centelhas os teus olhos, Lícino de divina formosura,
 são antes, senhor meu, raios que lançam fogo.
 Olhar-te de frente nem por um segundo consigo,
 pois com ambos os olhos num ápice me fulminas.

197. DO MESMO

“Há que saber o momento!¹⁰⁶” – disse um dos sete sábios, Filipo:
 na verdade, tudo o que está no viço resulta mais agradável.

¹⁰⁶ Máxima atribuída ora a Pítaco de Mitilene (sécs. VII-VI a.C.), ora a Periandro (séc. VII a.C.).

Até um pepino, no início, é cuidado na horta como valioso,
para logo, maduro, servir de alimento para os porcos.

198. DO MESMO

Sou amigo da juventude, e nenhum rapaz desdenho
julgando-o pela beleza: toda a gente tem o seu quê.

199. DO MESMO

Bebi já muito para além da conta: a coerência,
entre o espírito e a boca algures se me foi!
A lamparina exhibe chama dupla, uma e outra vez
conto a dobrar os convivas reclinados.
Já não me faço só ao rapaz que serve o vinho –
que parvoíce –, olho também para o da água.

200. DO MESMO

Odeio beijos difíceis de obter, a raiva plasmada
na voz e a forte resistência de uma mão.
Porém, ao que estando em meus braços logo assente
e de todo se entrega, esse tampouco o desejo;
prefiro o que está a meio caminho, o que saiba
ora não se entregar, ora entregar-se de todo.

201. [DO MESMO]

Se Cleonico não vem agora mesmo, não mais o recebo
debaixo do meu teto, não, por... não vou jurar!

Pode não ter vindo por temor a um sonho, quem sabe
 apareça amanhã – não vou morrer por um dia só.

202. [DO MESMO]

O alado Eros me lançou aos ares quando, Dâmis,
 li a tua carta, dizendo que tinhas chegado.
 Logo fui de Esmirna a Sardes. Competissem comigo
 Zetes ou Cálais¹⁰⁷, e na corrida os teria vencido.

203. DO MESMO

Beijas-me se não quero, beijo-te eu se não queres tu.
 És fácil, se te fujo; mas difícil, se te procuro.

204. DO MESMO

“Ouro por bronze”, dissei agora; a este *toma lá, dá cá*
 jogam o belo Sosíades e o peludo Díocles.
 Quem compara botões de rosa e silvas, ou figos e cogumelos?
 Um cordeiro branco como o leite, quem o compara a
 [um touro?
 Quanto dás, insensato, e quanto recibes em troca?
 Foi também assim que o Tidida obsequiou Glauco¹⁰⁸.

205. DO MESMO

Há um rapaz, ali no vizinho, que me provoca e não pouco.

¹⁰⁷ Os dois filhos alados do vento Bóreas.

¹⁰⁸ O Tidida é Diomedes, filho de Tideu, que em determinado momento da Guerra de Troia firmou com Glauco um pacto de não agressão, para o qual trocaram as suas armas.

Quando o abordo, ri-se de forma não inocente.
Tem uns doze anos. Agora, está sem guarda o cacho verde;
quando amadurecer, haverá muralhas e lanças no ar.

206. DO MESMO

- Se assim o agarras, levanta-o pelo centro, tombando-o
segura-o e, empurrando-o, cai-lhe em cima e aperta-o.
- Estás doido, Diofanto! Se a custo eu próprio consigo
fazer tal coisa. Lutar com rapazes, isso é outro assunto.
- Mexe-te e resiste, Círis, e aguenta a investida!
Mais vale aprender a exercitar-se contigo que sozinho.

207. DO MESMO

Ontem, quando Díocles se banhava, sacou o *lagarto*
qual Afrodite *Anadiomene*¹⁰⁹, ao sair do banho.
Se o tivesse mostrado a Alexandre¹¹⁰, outrora no Ida,
as três deusas teria ele preterido em seu favor.

208. DO MESMO

Não tenho ciúmes, afortunado livrinho! Pois ao ler-te,
um rapaz há de apertar-te bem junto à bochecha,
encostar-te aos seus lábios delicados ou sob os músculos

¹⁰⁹ Representação pictórica clássica da deusa Afrodite, emergindo das águas.

¹¹⁰ Páris, filho de Príamo. Causa primordial da Guerra de Troia, o jovem, que então pastava rebanhos no monte Ida, teve que decidir qual das três deusas (Hera, Atena ou Afrodite) era a mais bela.

ternos encerrar-te. Ó mais afortunado dos seres!
Amiúde viajarás sob as pregas da sua túnica ou, esquecido
num assento, ousarás sem medo tocar-lhe as partes
[íntimas.
Muito falarás a sós com ele; a meu respeito, contudo,
uma e outra vez deves falar-lhe, suplico-te, livrinho!

209. DO MESMO

Não te deites a meu lado muito triste ou cabisbaixo,
Dífilo, nem sejas um rapazinho desses de rebanho.
Haja ocasião para toques lascivos e, antes mesmo do ato,
brincadeiras, carícias, arranhões, beijos e palavras.

210. DO MESMO

Conta três, todos na mesma cama, dos quais dois comem
e outros dois se deixam comer. Parece disparate o que digo!
Mas não é mentira: um, o do meio, a dois presta serviço,
já que por trás tem prazer, e pela frente o provoca.

211. DO MESMO

Não estivesses tu já acostumado ao que agora te peço,
e com razão terias medo, julgando ser algo terrível;
Mas se a cama do teu senhor te fez um artista,
por que recusas dar-te a outro, se recebes o mesmo?
Ele, chamando-te para o que se sabe, ao terminar o serviço
adormece, como senhor que é, e nem uma palavra te diz.
O prazer aqui é outro: o mesmo brincarias, o mesmo dirias;
quanto ao resto, haveria de pedir-to, não ordenar-to.

212. DO MESMO

Ai de mim! Porque andas outra vez choroso e cabisbaixo,
rapazinho? Diz-me já, chega de dor! Que queres?
Estendes-me a mão vazia – ai, como estou perdido!
Reclamas pagamento – onde foste tu aprender isso?
Já não queres tartes refinadas, sementes de sésamo
com mel ou esse jogo certo com as nozes;
o dinheiro apenas te preocupa. Morra o fulano
que te ensinou! Como sujou ele o meu menino!

213. DO MESMO

A um muro encostaste o teu rabo que atraí olhares,
Círis! Para quê tentar a pedra, se ela nada pode?

214. DO MESMO

Entrega-te a mim, e toma o dinheiro! Dirás “sou rico!”
Faz-me então o favorzinho de graça, como um rei.

215. DO MESMO

Agora és primavera, logo serás verão. E depois, Círis,
que vais ser? Pensa bem! Restolho serás um dia.

216. DO MESMO

Agora estás tesa e dura, desgraçada, quando já não há nada.
Ontem, quando havia, não tinhas alento nenhum.

217. DO MESMO

Já anseias pelo exército, e não passas de um menino,
 inexperiente e delicado. Vê o que fazes! Desiste!
 Ai! Quem te convenceu a tomar a lança, o escudo nos braços,
 e a ocultar uma cabeça dessas debaixo do elmo?
 Afortunado esse novo Aquiles, que um dia na sua tenda
 venha a disfrutar de semelhante Pátroclo¹¹¹.

218. DO MESMO

Até quando essas risadas, sem que digas coisa nenhuma,
 vamos suportar? Diz-me, com franqueza, Pasífilo!
 Peça-te algo, tu ris; uma vez mais to peço, e tu nada.
 Choro eu, ris tu. Bárbaro! É lá isto motivo de riso?

219. DO MESMO

Ainda pedis pagamento, mestres? Que ingratos sois!
 O quê? Olhar para os rapazes é coisa pouca?
 Além de falar com eles, beijá-los quando vos saúdam,
 não vale isso, por si, já as cem moedas de ouro?
 Envie-mos, quem tenha belos moços! Eles que me beijem,
 e eu mesmo lhe pagarei a quantia que quiser.

220. DO MESMO

Não estás acorrentado por roubar o fogo, imprudente Prometeu,

¹¹¹ A relação de amizade entre Aquiles e Pátroclo – o primeiro dos quais regressou a combate após a morte do segundo – ficou proverbial, cedo ganhando conotações eróticas.

antes porque desfiguraste o barro original de Zeus¹¹².
Ao plasmar os homens, acrescentaste-lhes pelos; e por isso
têm os rapazes a horrível barba e as pernas peludas.
Aí está, porque te devora a ave de Zeus, a que Ganimedes
raptou – é que a barba, até para Zeus é motivo de pesar.

221. [DO MESMO]

Avança rumo ao divino éter, sobe levando esse rapaz,
águia, ofertando ao vento as tuas asas bifformes.
Avança com o terno Ganimedes, e não deixes cair
o que há de servir as mais doces taças de Zeus!
Evita ferir o rapaz com as tuas garras encurvadas,
não vá o próprio Zeus sofrer, por isso mesmo doído.

222. [DO MESMO]

Certo dia, um mestre de ginástica dava lições a um rapazito;
com ele já de quatro, exercitava-lhe as ancas
e tocava-lhe com as mãos os testículos¹¹³. Calhou chegar,
porque sentia a falta do rapaz, o dono dele.
Logo o mestre, agarrando-o pelas pernas, deu-lhe a volta,
enlaçando-o pela garganta, por trás, com o braço.
O dono, não ignorando os ritos da palestra, disse-lhe:
“Detém-te (dizia), ou ainda me *sufocas* o rapaz!”

¹¹² Prometeu, antes de roubar o fogo dos deuses, fora encarregado de moldar a forma humana. O poeta altera portanto o mito, considerando que foi a inclusão dos pelos no corpo masculino o motivo do castigo de Zeus, ele que também aprecia jovens imberbes.

¹¹³ O contexto é uma aula de ginástica, durante a qual o mestre se aproveita do discípulo (estes exercícios eram feitos sem roupa).

223. DO MESMO

O rosto terno do que de mim se aproxima é quanto basta;
 já não o olho por trás, quando passa ao largo.
 Do mesmo modo olhamos a estátua e o templo de um deus,
 sempre de frente, nunca pela retaguarda.

224. DO MESMO

Percorremos juntos um caminho feliz, e como antes,
 Dífilo, diz-me tu como fazer para que assim seja.
 Temos ambos algo de fugaz: tu a beleza,
 eu o amor. Um e outro são passageiros.
 Agora, por um tempo se mantêm juntos. Se mutuamente
 os não guardamos, em breve voarão desvanecidos.

225. DO MESMO

Jamais, quando pela manhã sai a luz do sol,
 se misturem as constelações do Cão e do Touro¹¹⁴,
 como jamais, uma vez regada a frutífera Deméter¹¹⁵,
 deves empapar a peluda esposa de Hércules¹¹⁶.

¹¹⁴ Duas constelações que jamais se cruzam, mas que, no contexto erótico, significam também o pênis e o ânus masculinos.

¹¹⁵ Deméter é a deusa dos cereais. No contexto presente, significa a comida da noite, já digerida.

¹¹⁶ Deve referir-se a Hebe, cujo nome, em grego, é entendido como “o vigor da juventude” (*hebe*). A “peluda esposa de Hércules” seria então uma metáfora para os genitais masculinos (no caso, o ânus). O poeta, portanto, não aconselha a penetração pela manhã, pois que o mais certo será encontrar *no caminho* o jantar da noite passada.

226. DO MESMO

Noite após noite, regando de pranto uns olhos humedecidos,
ao meu desejo insone ponho fim pela angústia,
a que me domina desde que partiu o meu amado,
pois deixou-me só e para Éfeso, sua terra natal,
partiu ontem Teodoro. A menos que regresse logo,
não mais poderei suportar este leito solitário.

227. DO MESMO

Se quero apreciar um bonitão que vai à minha frente,
adianto-me só um pouco, e então viro-me para trás.

228. DO MESMO

Que um menino imaturo, num ataque de loucura se engane,
para o que o seduz constitui isso a maior falta¹¹⁷.
Mas que, rapaz já, a isso se submeta, para tal passado o tempo,
para o que o consente é duplamente vergonhoso.
Se o primeiro caso já não nos é possível, Méris, o outro
não é ainda vergonhoso, no ponto em que estamos tu e eu¹¹⁸.

229. DO MESMO

Como é gentil, Aléxis, a deusa que cuspiu no peito¹¹⁹

¹¹⁷ I.e., que se invertam os papéis, que o mais velho assuma a posição passiva.

¹¹⁸ O poeta trata de convencer o *eromenos* a praticar sexo anal, porquanto, ao que parece, está no limite da idade em que assumir a posição passiva é considerado lícito.

¹¹⁹ Um gesto ritual para afastar a má sorte.

invocamos, essa Némesis de lento caminhar.
 Não vias tu que ela te perseguia, antes acreditavas
 para sempre conservar essa beleza invejável que tens.
 Mas agora já se foi! Chegou já a três vezes invejosa
 deusa – e nós, os teus adutores, abandonámos-te.

230. DE CALÍMACO

Esse belo e morenaço do Teócrito, se me odeia,
 quatro vezes deves odiá-lo; e se me ama, ama-o também.
 Sim, por Ganimedes de bela cabeleira, Zeus Urânio¹²⁰,
 também tu em tempos te apaixonaste. E mais não digo.

231. DE ESTRATÃO

Morreu o pai de Euclides, o apaixonado. Feliz seja para
 [sempre!
 Antes, porque tinha um pai que lhe dava quanto queria;
 agora, por ter defunto benévolo. Eu cá, ainda brinco às
 [escondidas¹²¹.
 Ai, sorte maldita a minha, e pai imortal este meu!

232. DE ESCITINO

Agora ergues-te teso, anónimo, sem perder força,
 como se não fosse jamais possível ficares mole.
 Mas quando Nemeseno por fim se deitou comigo,

¹²⁰ Zeus era filho de Cronos, ou Úrano, na designação latina.

¹²¹ O poeta louva a sorte do *eromenos* que, tendo perdido o pai, pode entregar-se livremente – ao contrário de si próprio – aos prazeres.

dando-me quanto queria, ficaste pendurado e morto.
Levanta-te, explode e chora agora – tudo isso de nada vale!
Da minha mão não receberás a mínima recompensa.

233. DE FRONTÃO

O teu viço, comediante, um *Tesouro* julgas ser,
ignorando ser mais fugaz que um *Fantasma*.
O tempo te fará *Misantropo*, logo *Rústico*,
e então desejarás ser *A tosquiada*.¹²²

234. DE ESTRATÃO

Se da tua beleza te vanglorias, pensa na rosa que floresce,
mas que, murchando rápido, logo se lança ao lixo.
A uma flor e à formosura, o mesmo tempo lhes é dado:
a ambas, por igual, dita o tempo invejoso que murchem.

235. DO MESMO

Se a beleza envelhece, convém partilhá-la antes que pereça;
mas se perdura, por que receias partilhar o que perdura?

236. DO MESMO

Certo eunuco é dono de uns rapazes belos. De que lhe servem?

¹²² Frontão serve-se dos títulos de cinco comédias de Menandro (vd. algo semelhante no n.º 193) para falar da fugacidade da vida. A juventude é um tesouro, volátil como um fantasma; em breve chegarão os pelos, e o indivíduo que agora todos desejam não terá a companhia de ninguém (misantropo), terá aspecto de rústico e desejará não ter esses mesmos pelos.

Causa-lhes mesmo um prejuízo injusto.
 Como um cão, que na pia ladra nesciamente para uma rosa,
 não disfruta do que é bom, nem deixa que outro disfrute.

237. DO MESMO

Adeus, tu que finges odiar os perversos, adeus, seu rude,
 que ainda ontem me juraste a ninguém te entregares.
 Deixa-te de juras! Aprendi a lição, não me enganas mais:
 sei onde, como, com quem e por que preço estás agora.

238. [DO MESMO]

Uns com os outros buscam prazer recíproco
 os cachorros, quando brincam com cio.
 À vez, trocam de posição e montam-se,
 experimentando ora comer, ora ser comidos.
 Nenhum superior ao outro; o que é comido, está de pé
 umas vezes, outras vira as costas a jeito.
 Já diz o ditado: no que toca a prazer mútuo,
 dizem, sabe um burro arranhar outro burro.

239. DO MESMO

Pedes cinco? Dez te darei, e logo pedirás vinte.
 Basta-te uma de ouro¹²³? – Se a Dânae¹²⁴ bastou!

¹²³ Uma moeda de ouro correspondia a 20 moedas de prata.

¹²⁴ O poeta faz-se eco de interpretações racionalistas do mito, que viam em Dânae não uma vítima da sedução de Zeus, mas uma prostituta que se fez pagar pela divindade. Segundo a versão tradicional, recorde-se, Zeus ter-se-ia transformado em chuva de ouro para se unir ao leito da rapariga.

240. [DO MESMO]

Cabelos brancos já me despontam nas fontes,
e inerte me pende o pénis entre as pernas;
os testículos estão estéreis, toma conta de mim a velhice.
Ai de mim, que sei comer tão bem por trás e já não posso!

241. DO MESMO

Fizeste um anzol, e como um peixe me apanhaste, menino!
Arrasta-me onde quiseres; sem pressas, não vá eu
[escapar-te.

242. DO MESMO

Mostraste há pouco, Alcimo, o teu *lagarto* de róseos dedos;
e agora – coisa espantosa! –, tem-lo já de róseos braços¹²⁵.

243. DO MESMO

Se comer por trás me deitou a perder, e por isso apanhei
[podagra¹²⁶,
converte-me, Zeus, num garfo desses que espeta a carne¹²⁷.

¹²⁵ O pénis, antes e depois da ereção. Cf. n.º 265.

¹²⁶ Acreditava-se que o excesso de sexo provocava doenças como a gota e similares.

¹²⁷ Verso obscuro. Pode o poeta, simplesmente, estar a pedir que Zeus lhe permita continuar a assumir a posição de ativo. No original, este “garfo” (*kreargan*) mistura os sentido de *kreas* (“carne”) e *agreo* (“caçar”), daí a nossa tradução.

244. DO MESMO

Ponho o olho num branquela e morro; se é da cor do mel,
 abraso-me; e se é loiro, logo me derreto por inteiro.

245. DO MESMO

Todo o ser irracional se limita a copular; mas nós, racionais,
 a esse respeito superámos os demais seres-vivos,
 inventando o comer por trás. Os que de mulheres são escravos,
 esses, em nada são superiores aos seres irracionais.

246. [DO MESMO]

Sou amado por um par de irmãos, e não sei qual deles
 escolher para dono – quero a ambos, a verdade é essa.
 É um que se vai embora, o outro que chega. Se de um
 a presença é o melhor, do outro é a sua saudade.

247. DO MESMO

Como, em tempos, Idomeneu levou para Troia
 Meríones desde Creta como escudeiro, Teodoro,
 assim eu te tenho por amigo ambidestro. Pois também ele
 umas vezes foi seu escudeiro, outras seu amante.
 Por isso tu, de dia, cumpre com as tarefas quotidianas,
 e de noite joguemos, por Zeus, a ser Meríones¹²⁸.

¹²⁸ Vd. n.º 97. Entre ressonâncias épicas, o poeta pede a Teodoro que, durante a noite, exerça de passivo – pois que, à imagem do herói épico, tampouco para ele isso é motivo de desonra.

248. DO MESMO

Quem pode averiguar se aquele que ama já vai murchando,
se com ele convive, sem o abandonar, a todas as horas?
Quem pode hoje não gostar, tendo ontem já gostado?
E se gosta, o que será amanhã, quando já não gostar?

249. DO MESMO

Abelha de um boi nascida¹²⁹! Tu que provaste do meu mel,
por que esvoaças à volta do rosto transparente deste moço?
Não hás de parar de zumbir, e de querer com essas patas
que recolhem o pólen picar o seu corpo inocente?
Volta, fugitiva, às tuas colmeias fábricas de mel, aí onde
não possa picar-te! Também eu tenho aguilhão, o do amor.

250. DO MESMO

Regressava da festa, noite dentro, depois de jantar,
e como o lobo ao cordeiro encontrei, plantado à minha
[porta,
o filho do vizinho Aristódico. Tomando-o em meus braços,
dei-lhe um beijo e muito lhe prometi, entre juramentos.
E agora, que presente lhe darei? É que nem de enganoso,
nem de juramentos vespertinos é ele merecedor.

251. DO MESMO

Outrora, beijos na cara e outros preliminares

¹²⁹ Acreditava-se, na Antiguidade, que as abelhas nasciam das entranhas dos bois mortos (e.g. Virgílio, *Geórgicas* 4.528-558).

compartíamos; eras ainda um menino, Dífilo!
Agora, por esse passado te imploro; amanhã,
tarde demais. Cada coisa no seu tempo!

252. DO MESMO

Vou incendiar-te, porta, com esta tocha; e quando queimar
o fulano que está aí dentro, bêbado, faço-me à fuga;
então, navegando errante pelo mar Adriático cor-de-vinho,
acharei abrigo nas portas que de noite se me abrirem.

253. DO MESMO

Dá-me por um momento a mão direita, mas não pares
de dançar, ainda que de mim tenha troçado esse rapaz.
Não estivesse eu, em má hora, reclinado ao lado do pai dele,
e não sem razão aparente me teria visto bêbado.

254. DO MESMO

De que templo, de onde chega esse esquadrão de Amores
que tudo ilumina? Senhores, é de ficar cego!
Qual deles é escravo e qual é livre, não sei dizer.
Um destes homens é dono deles? Impossível!
Muito ele superaria Zeus, que só Ganimedes possuiu,
sendo um deus tão grande. E ele, quantos tem?

255. DO MESMO

Não to ensina, meu atrasado, a própria palavra,
pelos termos de que de facto deriva?

Diz-se “amante de rapazes”, Dioniso, não “de homenzinhos”.
Acaso tens algo a dizer contra tal evidência?
Eu arbitro os jogos Píticos, tu os Olímpicos¹³⁰. Quantos recuso
e excludo, tu os aceitas na tua competição.

256. DE MELEAGRO

Para ti, Cípris, urdiu Eros, recolhendo com a mão a flor
viçosa de vários moços, uma grinalda que deleita a alma.
Nela entrelaçou Diodoro, açucena delicada,
nela também Asclepiádes, doce violeta branca.
E claro, entrelaçou Heraclito, qual rosa entre espinhos,
e Díon, quando florescia como a flor da videira;
acrescentou Téron, açafraão de dourada cabeleira,
e nela pôs também Ulíades, raminho de tomilho;
Miíscos de bela cabeleira recolheu, galho de oliveira
sempre em flor, ramagem apeteável da virtude.
E agora a mais ditosa das ilhas, a sacra Tiro¹³¹, um jardim
perfumado possui, florido pelos rapazes de Cípris.

257. DO MESMO

Eu, a *coronis*¹³² que marca a volta derradeira,

¹³⁰ Os Jogos Píticos, na categoria dos rapazes, apenas permitiam concorrentes entre os 12 e os 14 anos, ao passo que, em Olímpia, aumentava a franja de idade.

¹³¹ Meleagro celebra os mais belos rapazes de Tiro, a sua cidade adotiva. Pensa-se que o epigrama poderia ter servido de proémio a algum trecho da sua própria antologia que recolhesse epigramas homoeróticos.

¹³² A *coronis* era um sinal gráfico, de forma serpenteante, colocado no final de um papiro. O presente epigrama poderia, portanto, ser o último da antologia de Meleagro, embora alguns críticos hesitem atribuí-lo a este autor.

confiável guardiã das colunas¹³³ escritas,
 declaro que, compilando numa só obra
 os poetas todos, e enrolando-os neste papiro,
 Meleagro terminou; e, para que sempre se recorde Diocles,
 com flores entrelaçou esta grinalda das Musas.
 Eu, bem enroscada como o dorso das serpentes,
 aqui estou, entronada, ao cabo do seu belo saber.

258. DE ESTRATÃO

No futuro, alguém que escute estes meus jogos poéticos
 julgará que contam, todos, as minhas penas de amor.
 A verdade é que escrevo sempre por um ou outro amante de
 [moços,
 posto que uma divindade me concedeu esse talento¹³⁴.

¹³³ Nos rolos de papiro escrevia-se em colunas.

¹³⁴ Deveria ser o último epigrama da antologia de Estratão. À semelhança de outros poetas, Estratão recusa uma leitura estritamente biográfica dos seus versos, advertindo no entanto que os compôs a partir das histórias ou mesmo como ofertas para amigos feridos de amor por rapazes.

(Página deixada propositadamente em branco)

APÊNDICE

*POEMAS HOMOERÓTICOS DISPERSOS DA
ANTOLOGIA GREGA*

(Página deixada propositadamente em branco)

259 [5.78] DE PLATÃO

Quando beijava Ágaton, a alma tinha à flor dos lábios;
até aí vinha a infeliz, como que para entrar nele.

260 [5.117] DE MÉCIO

Acalenta-me o belo Cornélio; mas receio essa chama,
pois em grande fogueira se vai já convertendo.

261 [5.122] DE DIODORO

Por precioso que a teus olhos te pareça, meu rapaz,
a Clino, filho de Megístocles, nem que do banho
das Graças saia esplêndido, não procures esse bonitão.
Não é ingénuo o rapaz, nem lhe falta malícia;
pesadelo de muitos, não é inexperto nas lides do amor.
Procura não acender essa chama, louco como és.

262 [5.145] DE ASCLEPIÁDES

Repousai, grinaldas minhas, penduradas nos batentes da porta,
sem pressa de sacudir as pétalas que o meu pranto
[humedeceu
– uma nuvem de chuva são os olhos daquele que ama!
Haveis de vê-lo, quando abrir a porta, e em sua cabeça
derramai então a chuva do meu pranto; e que, pelo menos,
a sua loura cabeleira possa beber as minhas lágrimas.

263 [5.167] DE ASCLEPÍADES

Chovia, era de noite, e – terceiro mal do amor –,
 havia vinho. O Bóreas era gelado, e eu ali tão só.
 Mas o belo Mosco resistia: “Também tu passaste por isto,
 e não tinhas portal algum onde descansar!”
 Isso gritei ao rapaz, empapado. Até quando, Zeus?
 Zeus querido, basta!¹³⁵ Também tu aprendeste a amar.

264 [11.19] DE ESTRATÃO

É beber e amar, Damócrates; não beberemos para sempre,
 nem para sempre teremos a companhia de rapazes.
 Enfeitemos de grinaldas a cabeça e perfumemo-nos,
 antes que sobre a nossa tumba outros o façam.
 Bebam os meus ossos, agora, quanto vinho puderem;
 e que, já mortos, então os inunde Deucalião¹³⁶.

265 [11.21] DE ESTRATÃO

Ainda ontem Ágaton tinha um *lagarto* de róseos dedos;
 hoje, pode dizer-se que o tem de róseos braços¹³⁷.

¹³⁵ O texto é de difícil interpretação e deve estar corrompido nos manuscritos. Segundo a interpretação que nos pareceu mais plausível, o poeta pede a Zeus que ponha termo à chuva, pois que o *eromenos* o deixou à porta à espera, e não parece estar em casa ou querer abrir-lhe.

¹³⁶ Deucalião – o Noé da mitologia grega –, filho de Prometeu, foi encarregado de salvar a humanidade do dilúvio universal. Estratão identifica-o aqui com o próprio Zeus, que envia o dilúvio aos mortais.

¹³⁷ O epigrama é uma clara variação do n.º 242, do mesmo autor. Em ambos, o recurso aos dois epítetos homéricos pretende realçar o rápido crescimento do órgão sexual dos rapazes, os diferentes tamanhos que apresenta quando está ou não erecto.

266 [11.22] DE ESTRATÃO

Drácon é um efebo bonito como tudo! Mas, se é um *dragão*¹³⁸,
como consente ele no seu buraco outra serpente?

267 [11.36] De Filipo

Enquanto eras belo, Arquétrato, e com essas tuas faces
da cor do vinho inflamavas as almas dos rapazes,
da nossa amizade nem palavra; ao invés, em brincadeiras
com outros rapazes, como uma rosa murchava o teu vigor.
Agora que uma barba suja te assombra, agora buscas um amigo,
e queres dar-me as palhas, dadas que foram a outros as
[espigas¹³⁹].

268 [11.40] DE ANTÍSTIO

Cleodemo, o filho de Eumenes, é pequeno ainda; mas dança
com os meninos, pequeno como é, no tíaso infantil¹⁴⁰.
Aí o vedes, como cingiu a pele com um cervo da montanha
e balança a hera sobre a sua loura cabeça.
Senhor, filho de Cadmo¹⁴¹, fá-lo crescer, para que, já iniciado,
o pequeno possa também dirigir o tíasos dos rapazes.

¹³⁸ O termo *drakon* significa tanto “dragão” como “serpente”.

¹³⁹ É frequente a imagem da espiga de milho para descrever o *eromenos*, que, passado o vigor da juventude, mais se assemelha às palhas e barbas secas que sobejam após a colheita.

¹⁴⁰ O epigrama supõe que não haveria idade mínima para celebrar os ritos dionisíacos.

¹⁴¹ Dioniso.

269 [11.51] ANÓNIMO

Desfruta do momento presente – tudo fenece muito rápido!
 Um só verão basta para converter um cabrito em bode
 [peludo.

270 [11.52] Anónimo

Trasibulo! Apanhado nas malhas do amor pelos rapazes,
 gritas como um golfinho que, sobre a areia da praia,
 tem saudades das ondas. Nem mesmo a foice de Perseu¹⁴²
 bastaria para cortar as redes em que te foste enredar.

271 [11.53] ANÓNIMO

Por breve tempo floresce uma rosa. Se deixas passar a ocasião,
 bem podes buscá-la, que já não há rosa – só espinhos.

272 [11.155] DE LUCÍLIO

Este fulano, o feroz guardião da virtude, o que a todos
 por tudo reprende, enfrenta corajoso o frio
 e deixa crescer a barba, foi apanhado ... a quê? Dá vergonha
 [dizê-lo,
 mas foi apanhado a fazer dessas coisas de boca cheia¹⁴³.

¹⁴² Hermes oferecera a Perseu uma foice com a qual poderia decapitar Medusa.

¹⁴³ Preferimos a leitura *kakostomaton* (à letra, “que fazem mal à boca”) proposta por Scaliger à lição de **P** *kakostomachon* (“que fazem mal ao estômago”), embora a imagem pornográfica também pudesse estar nesta última versão, se tomássemos *stomachos* com o sentido original de “orifício”.

273 [11.216] DE LUCÍLIO

Acerca do pederasta Cratipo, escutai: um prodígio,
 uma novidade anuncio – as Némesis são poderosas!
 O pederasta Cratipo, descobrimos que é doutra raça,
 desses com outros gostos. Posso eu lá crer nisto?
 Já estava à espera, Cratipo. Devo estar louco: dizias a todos
 que eras lobo, e eis que te revelas um cordeiro.

274 [11.218] DE CRATES

A Quérilo¹⁴⁴ falta muito para ser como Antímaco¹⁴⁵,
 mas Quérilo andava sempre com Eufó里昂¹⁴⁶ na boca;
 compunha poemas *bem lambidos*¹⁴⁷, e também os de Filetas
 tinha na ponta da língua: era, enfim, um Homérico.

275 [11.219] DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

Não lhes faço caso, mas há gente de confiança; entretanto
 Pânfilo, por Zeus, se me amas, não me beijes¹⁴⁸.

¹⁴⁴ Deve tratar-se de Quérilo de Samos, autor de uma epopeia sobre as guerras Medo-Persas.

¹⁴⁵ No século IV a.C., compôs uma *Tebaida* e uma *Lídia*, poema erótico e místico. Consta que Platão (o filósofo) o preferia a Quérilo (Proclo, *Acerca do Timeu* 1.90).

¹⁴⁶ Compôs, no séc. III a.C., pequenas epopeias de temática histórica.

¹⁴⁷ Uma série de sentidos eróticos está implícito na seleção vocabular do original, sobretudo nos termos de crítica literária. No caso, parece clara a alusão ao sexo oral.

¹⁴⁸ O epigrama joga com o duplo sentido do verbo *philein* (“amar” e “beijar”), criando no original a (aparente) contradição “se me amas, não me ames... (faz algo mais!)”.

276 [11.221] DE AMIANO

Não, não é por chupares o estilete que eu te odeio,
antes porque o fazes haja ou não haja estilete.

277 [11.223] [DE MELEAGRO]

Duvidas tu que Favorino fode muito; pois não duvides!
Ele mesmo me disse que fodia até a própria boca.

278 [11.224] DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

Quando viu o pau de Címon bem erecto, disse Priapo:
“Ai, que me vence um mortal, imortal que sou!”

279 [11.225] DE ESTRATÁO¹⁴⁹

Na cama há dois que se deixam comer e dois que comem,
por isso julgarás que são quatro ao todo. Mas são três.
Se me perguntas “Como pode ser?”. É que o do meio conta
[por dois,
pois a ambos oferece um prazer partilhado ao mover-se.

280 [11.261] ANÓNIMO

O filho do Patrício, bela peça! Ele que, por uma paixão
indecente, dos companheiros todos se afasta.

¹⁴⁹ Variação sobre o n.º 210, do mesmo autor.

281 [11.272] ANÓNIMO

Homens recusaram ser, embora mulheres tampouco sejam.

Homens não são de facto, pois sofrem como as mulheres,
e mulheres tampouco, pois da natureza dos homens participam.

São enfim homens para as mulheres, e mulheres para
[os homens.

282 [11.284] DE PÁLADAS

Da terra dos Lotófagos¹⁵⁰ chegou um chefe importante, um
[Licáon¹⁵¹;

chegado de Cálcis¹⁵², a capital, prefere levar por...
[Antióquia¹⁵³.

283 [11.318] DE FILODEMO

Sabia Antícrates de astronomia muito mais que Arato¹⁵⁴,
mas com o próprio signo não acertava muito:

se nascera em Carneiro dizia não saber,
em Gémeos ou nos dois Peixes.

Claramente nasceu nos três, pois é um garanhão,
um maníaco, um maricas e um mamador.

¹⁵⁰ Os Lotófagos (à letra “os que comem a flor de lótus”) eram um povo do norte de África.

¹⁵¹ O lobo (*lykos*) era imagem comum para o *erastes*, o amante ativo.

¹⁵² Cidade da Eubeia.

¹⁵³ No original, o termo *Antióquia* permite a leitura implícita *anti-ocheuo* (“sair por trás”). Todo o epigrama parece sugerir que Licáon, que pelo seu nome seria ativo, se revela afinal um passivo.

¹⁵⁴ No séc. III a.C., compôs uns *Fenómenos*, obra referência de astronomia. Cf. n.º 1.

284 [11.326] DE AUTOMEDONTE

O viril pelo da barba e dos músculos – quão rápido
tudo muda o tempo! Cónico, nisto te converteste.
Eu não dizia: “Não sejas insuportável nem pacóvio,
que também a beleza tem as suas Némesis”?
Entraste no curral, arrogante; o que agora queres,
sabemos bem; mas já devias ter ganhado juízo!

285 [11.339] ANÓNIMO

Mexas a cabeça e remexas as nádegas.
Um diz que estás possuído; o outro, penetrado.

286 [11.343] [DE PÁLADAS]

Dois são os rapazes de Silbano, o vinho e o sono,
e já nem Musas nem amigos lhe dão prazer.
um, inundando-lhe o espírito desde que acorda, enfeitiça-o;
o outro, mantém-no preso no quarto a roncar.

287 [11.364] DE BIANOR

Este simplório, sim este, um criadito, sim, vejam só,
é dono e senhor da alma de outro alguém.

288 [16.213] DE ESTRATÃO [OU MELEAGRO]

Assim, de asas velozes estendidas sobre as costas
e com as aguçadas flechas dos arcos dos Citas,
esconder-me-ei de ti, Eros, sob a terra. De que me servirá,

se nem o todo-poderoso Hades¹⁵⁵ logrou escapar ao teu
[poder?

¹⁵⁵ Hades, senhor dos Infernos e do submundo em geral, ficou preso de amores por Deméter.

ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS

Um ponto de interrogação assinala as atribuições duvidosas ou dúplices nos códices, bem como aqueles epigramatistas desconhecidos. Esta lista não contempla as discussões de autoria dos epigramas, apenas a sua atribuição nas fontes manuscritas.

- Alceu de Messene (II a.C.) 29, 30, 64
Alfeu de Mitilene (I d.C.) 18
Amiano (II d.C.) 276
Anónimos 19, 39, 40, 55?, 61, 62, 66, 67, 69, 79, 87, 88, 89, 90, 96, 99, 100, 103, 104, 107, 111, 112, 115, 116, 123, 124?, 130, 136, 140, 143, 145, 151, 152?, 155, 156, 160, 269, 270, 271, 280, 281, 285
Antípatro de Sídon (II a.C.) 97
Antípatro de Tessalónica (I a.C.) 275, 278
Antístio (I d.C.) 268
Arato de Solos (?) 129
Artémon (?) 55?, 124?
Asclepiades (III a.C.) 17?, 46, 50, 75, 77?, 105, 135, 153, 161, 162, 163, 166, 262, 263
Asclepiades de Adramito (?) 36
Automedonte (I d.C.) 34, 284
Bianor (I d.C.) 287
Calímaco (III a.C.) 43, 51, 71, 73, 102, 118, 134, 139, 148, 149, 150, 230
Crates (IV a.C.) 274
Díocles (I d.C.) 35
Diodoro (I a.C.) 261
Dionísio (?) 108

Dioscórides (III a.C.) 14, 37, 42, 169, 170, 171
Escitino (?) 22, 232
Estatílio Flaco (I a.C. – I d.C.) 2, 25, 26, 27
Estratão (II a.C.) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 21, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184?, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201?, 202?, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215?, 216, 217, 218, 219, 220, 221?, 222?, 223, 224, 225, 226, 227, 228?, 229, 231, 234, 235, 236, 237, 238?, 239, 240?, 241, 242, 243, 244, 245, 246?, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 258, 264, 265, 266, 279, 288?
Eveno (de Ascálon?) 172
Fânias (?) 31
Filipo de Tessalónica (I d.C.) 267
Filodemo (I a.C.) 173, 283
Frontão (?) 174, 233
Glauco (?) 44
Júlio Leónidas (II a.C.) 20
Láureas (I a.C.) 24
Lucílio (I d.C.) 272, 273
Mécio (?) 260
Meleagro (I a.C.) 23, 33, 41, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 60, 63, 65, 68, 70, 72, 74, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 92, 94, 95, 101, 106, 109, 110, 113, 114, 117, 119, 122, 125, 126, 127, 128, 132a, 132b?, 133, 137, 141, 144, 147, 154, 157, 158, 159, 164, 165, 167, 256, 257, 277?, 288?
Mnasalcas (III a.C.) 138
Numénio de Tarso (?) 28
Páladas de Alexandria (IV d.C.) 282, 286?
Platão (Ps.) 259
Polístrato (II a.C.) 91
Posidipo (III a.C.) 17?, 45, 77?, 98, 120, 131, 168
Riano de Creta (III-II a.C.) 38, 58, 93, 121, 142?, 146
Timocles (?) 32

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

O Livro XII da *Antologia Grega*, que neste volume pela primeira vez se traduz completo em língua portuguesa, contempla cerca de 260 epigramas unidos pela temática homoerótica que desenvolvem. À parte um conjunto escasso de componentes dedicados ao amor heterossexual, erroneamente introduzidos pelos copistas na coleção e que aqui são também traduzidos, versam sobre o modelo da relação amorosa entre um homem adulto (o assim designado *erastes*, o “amante” que sexualmente exercia a posição de ativo) e um adolescente (o *eromenos*), que se supunha dever assumir o papel de passivo. *A Musa dos rapazes* tem, como contraponto imediato, o livro V da *Antologia*, coletânea mais extensa de epigramas sobre o amor heterossexual. Uma leitura de ambos permite no entanto, em primeira instância, detetar um grupo de tópicos e imagens que se repetem, prova em si de que ambos celebram uma mesma realidade – as benesses (mais bem escassas) e as agruras do amor.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



C
E C H

CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

• U



C •

I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U